This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

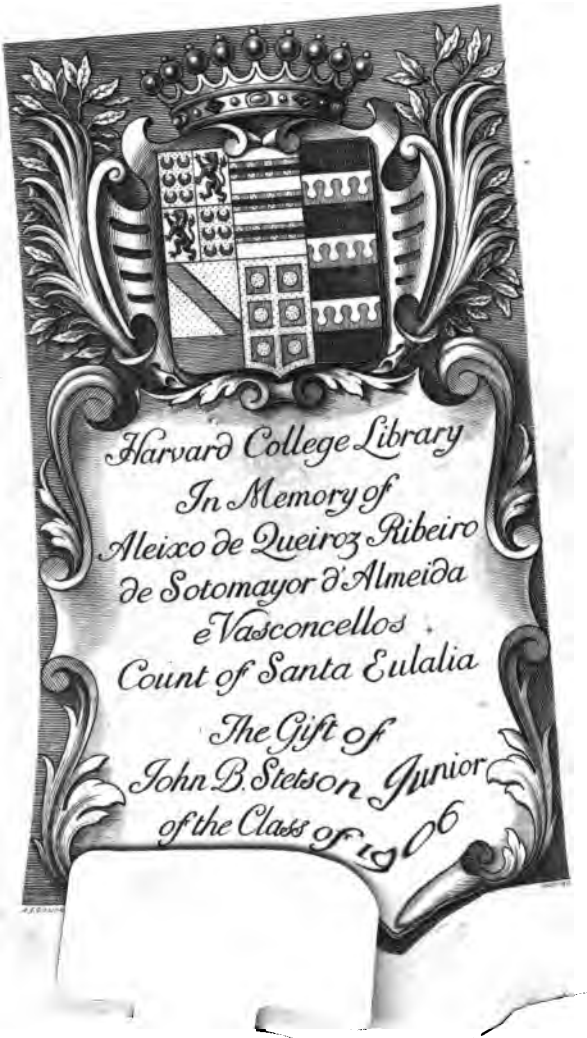
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

Pol
606
10

CANCIONEIRO DE JOÃO DE LEMOS

PRIMEIRO VOLUME

FLORES E AMORES

Typographia de J. G. de Sousa Neves, rua de Caldeira, 6

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

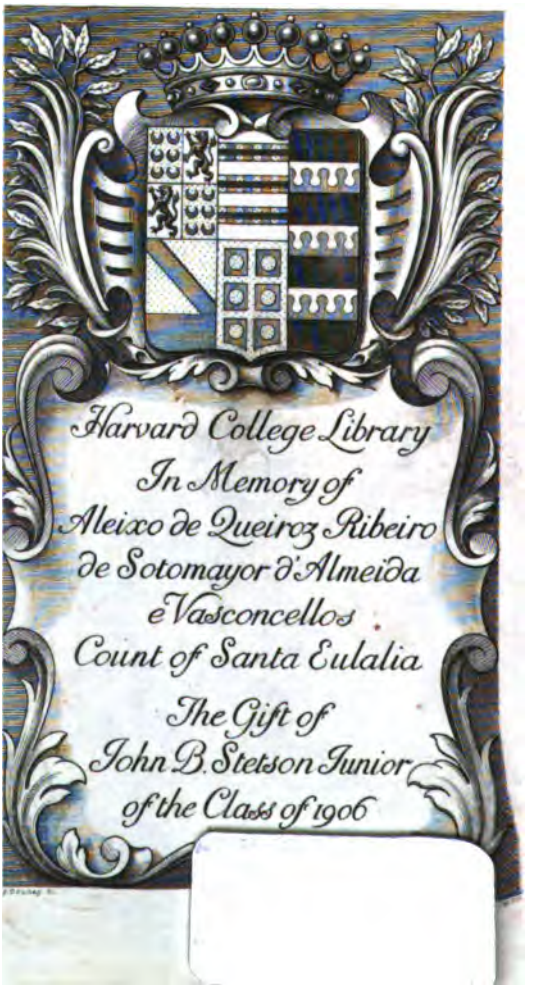
PRIMEIRO VOLUME

FLORES E AMORES

LUIZ SIMÕES DA FONSECA
0,548
PARIS

LISBOA
ESCRIPTORIO DO EDITOR — RUA DOS FANQUEIROS, 40

1858


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

Por
606
10

A. XAVIER, libraire
22, RUE DE LA BANQUE, 22
Assortiment nombreux et varié
de livres Anglais, Allemands,
Italiens, Espagnols, Portugais,
Langues du Nord.

CANCIONEIRO DE JOÃO DE LEMOS

PRIMEIRO VOLUME

FLORES E AMORES

Typographia de J. G. de Sousa Neves, rua de Caldeira, 6

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

PRIMEIRO VOLUME

FLORES E AMORES

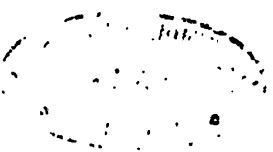
LUIZ SIMÕES DA FONSECA
0,548
PARIS

LISBOA
ESCRIPTORIO DO EDITOR — RUA DOS PANQUEIROS, 40
1858

Port 6064.10

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

OCT 26 1921



INTRODUCÇÃO

Em duas diversas epochas, com dois titulos differentes, annunciei a publicação dos meus versos, e de ambas as vezes deixei o annuncio por mentiroso.

Não me arrependo; ainda me não arrependi até hoje.

De annunciar a publicação, sim; de deixar de publicar, não.

Quando deitei o primeiro pregão, estava ainda nos bancos da Universidade. Incitaram-me a isso applausos e instancias de amigos, talvez cegos pela amizade e de certo tão inexperientes como eu, que

os attendi, ao principio, porque tambem a vaidade de criança me andava seduzindo para lhes dar ouvidos.

Por fortuna, depois, ora com a preguiça ora com a reflexão, resisti a mim e a elles.

D'elles me lembra, entre outras, uma batalha em forma que me deu o meu excellente e particular amigo *A. X. Rodrigues Cordeiro*, em um dos caes do Mondego, com aquelle fogo que a sua organisação accende em todos os affectos generosos. Arrufámo-nos até. Outro meu bom amigo, que tambem estava presente, *Augusto José Gonçalves Lima*, foi quem deitou agua na fervura d'aquelles amigaveis enfados.

Permittam ambos que aqui lhes cite os nomes para desafogo da saudade d'esse tempo, e para solemne tributo de agradecimento.

Mas ainda bem que não publiquei tudo quanto então publicaria! N'essa parte morro impenitente.

Sabem do que me tenho arrependido? É da publicidade que dei nos jornaes a muitos versos de então. Verdade, verdade, a fogueira estava chamando por grande parte d'elles.

Entretanto a indulgencia do publico, que foi grande, os gabos com que, pela imprensa, me ani-

maram pessoas, que já não faziam declinar a competencia por suspeitas, visto que, a esse tempo, ou eram pouco, ou não eram, do meu conhecimento, tudo isto me ia fazendo mandar mais versos para os jornaes, e authorisava novas instancias. O amor-proprio já se sabe que repetia, e com maior força, as suas lisongeiras persuasões.

Não posso deixar de me referir principalmente ao senhor *Antonio Feliciano de Castilho*, que na Revista Universal me coroou por tantas vezes com um favor mais que generoso. Tome para si a culpa que lhe cabe, que não a teve pequena, no segundo annuncio da collecção dos meus versos, alguns annos depois do primeiro.

Metteu-se, porém, a politica de permeio a levar-me o tempo, foi-se-lhe ainda reunindo novamente a reflexão, e faltei outra vez á promessa.

Poucas coisas terei que agradecer á politica, mas a parte que n'isso teve, de todo o coração lh'a agradeço. Dos versos que então publicaria, já atirei muitos ao lume.

Aqui tem, pois, o publico como me desculpo dos annuncios a que não satisfiz. É penitenciando-me,

diante d'elle, pela parte em que cedi á vaidade, e applaudindo-me d'aquella em que lhe escapei.

Mas agora? Agora, já que não tive mão em mim que não fosse sempre publicando, mais ou menos, aqui e além; já que tanto cresceu o numero d'esses filhos dispersos, que não posso nem devo enjeitar, muito mais quando no Brasil tiveram a caridade de lhes dar casa em um volume, onde os reuniram, e que me está accusando de pae desnaturado; já que o juizo publico tem continuado tão benevolo, no reino, e até fóra d'elle, não havia outro remedio.

Collegi o que achei nos jornaes e nas minhas gavetas, e em tudo emendei alguma coisa.

Os meus receios são os mesmos; supponho, porém, que os aleijões já não serão tantos nem tão grandes.

Com a divisão que fiz nos tres volumes, quiz separar, até certo ponto, as epochas a que correspondem, embora em todos elles haja composições que, pelo rigor das datas, não lhes pertenciam. Mas são poucas, e, em todo caso, o genero de idéas exigia aquella collocação.

Procurei, quanto pude, que as correcções não al-

terassem as feições caracteristicas. No que, em vez de physionomia, me pareceu deformidade, cortei sem dó; o resto, onde ainda havia bastante que podar, cuidei que era de minha obrigação deixal-o. Intendi que no pequenissimo logar que os meus versos hajam de tomar, se tomarem, nas lettras patrias, fazia mais serviço em assignalar o caminho com as minhas quedas, do que em pôr-me agora, com as minhas idéas de hoje, a querer endireitar de todo corcovas, que já me pareceram bellezas, que pertencem de nascença ao corpo em que estão, e que Deus sabe se por fim não ficariam como aquella gambia de que falla Bocage—tortas para o outro lado.

Tem-se dito que introduzi, ou fiz correr, certa forma nova nas composições lyricas, e até com esta prioridade me argumentavam alguns para eu me não ficar atraz em reunir o que andava pelas folhas políticas e litterarias, receiando que tambem assim ficasse atraz dos mais na historia que se fizesse da nossa poesia moderna.

Não sei se se ha-de fazer tal historia, nem se lá hei-de ou devo entrar, como não sei se fui adiante ou atraz de ninguem.

CANCIONEIRO DE JOÃO DE LEMOS

PRIMEIRO VOLUME

FLORES E AMORES

Typographia de J. G. de Sousa Neves, rua do Caldeira, 6

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

PRIMEIRO VOLUME

FLORES E AMORES

LUIZ SIMÕES DA FONSECA
0,548
PARIS

LISBOA
ESCRIPTORIO DO EDITOR — RUA DOS PANQUEIROS, 40

1858

Engrinalda-lhe a lyra co'as papoilas
Que nos campos do céu á noite brotam;
Um beijo teu, na fronte, venha dar-lhe
Celeste inspiração aos ardimentos;
Teu halito co'as brisas lhe cicie
Na grenha da floresta amenos carmes,
No perfume da flor canções singelas,
Da rôla no gemer ternas saudades,
Ou, por fisgas de penha alcantilada,
Um rígido cantar, na voz do vento.
Archanjo! Ao trovador ensina, empresta
As mil chaves que tens d'abrir mil cofres
Ou da terra, ou do mar, do céu, do inferno!
Vem, vem, que o trovador, ousado, enjeita
As cançadas ficções da velha Grecia,
Quebra numes d'Ascreu, Musas despreza,
Renega antigas leis, descrê do Olympo,
Deixa Elysios, Parnasos, Hippocrenes,
Bebe do patrio amor nas patrias fontes,
Ama o sol da sua terra, os montes della,
E por Musas te quer, por crença o Eterno,
O mundo por altar, os céus por templo!

II

A JARRA DE FLORES

Porque tens, Julia, esta jarra
Assim defronte de ti?
Tem dó das pobres florinhas,
Tira esta jarra d'aqui.

Olha aquella rosa branca.
Fez-se pallida por ver
Que eras mais branca do que ella,
E começa a emmurchecer.

Ao pé, um botão purpureo
Vendo a tua bocca sorrir,
Quiz imital-a, e as folhas
Vão-lhe cahindo, ao abrir.

Estes jasmins que vaidosos
Perfumavam todo o ar,
Do teu halito o perfume
Já os fez envergonhar.

O cravo n'haste inclinado,
Quando soberbo te olhou,
De namorado ou raivoso,
O seio todo rasgou.

Os lyrios, porque espreitaram
Atravez desse teu véu,
Com ciumes d'outros lyrios
Enrolam elles o seu.

A propria saudade agora,
Assim que me viu entrar,
Esmoreceu, porque sabe
Que não n'a tornas a olhar.

Não tenhas, pois, esta jarra
Assim defronte de ti,
Tem dó das pobres florinhas,
Tira esta jarra d'aqui.

III

O MEU THESOURO

Eu achei-o, achei-o, entre ruinas,
O meu rico thesouro!... Achei um peito
De candida innocencia, uma alma virgem,
Alma pura no mundo!

E é um cofre d'amor a minha amada!
E tão linda!... o Senhor na face della
Quiz a prova lançar da Omnipotencia,
Confundindo os impios!

E no seu coração tenho as riquezas,
Que quer meu coração! De mim só vive,
Como eu só della, e dá-me riso ao riso,
E lagrimas ás lagrimas!

É casto myrtho, a cuja sombra correm
Serenos os meus dias, como as aguas
De socegada fonte escorregando
Por vivas esmeraldas.

Oh! achei-o, achei-o, entre ruinas,
O meu rico thesouro! Hei-de guardal-o
Qual guarda o avaro o seu; tem dentro a minha,
Como o delle, a sua alma!

IV

A FESTA DA NATUREZA

Do monte as nuas espaldas
Já se vestem de esmeraldas,
Onde a aurora vem chorar;
Perde o céu antigas iras,
E já se alastra em saphiras,
Que, manso, retrata o mar.

Já do seio da floresta
Se escuta um hymno de festa
Ao erguer, e ao pôr do sol;
É a lyra das ternuras,
Que desfére entre verduras
Trovador o rouxinol.

Pula o cabrito na veiga,
Arrulha a pombinha meiga,
Sae a rosa do embrião;
Arde o peixe no Oceano,
E no bosque o tigre hyrcano
Acordou com coração.

Das balsas nos ninhos novos
A mãe plumosa aos seus ovos
Dá do peito almo calor;
Leva o zagal á zagala
Um malmequer, que lhe falla
As fallas do seu amor.

Remoçado a ruga e ruga
Santo velho as cãs enxuga
Á restea do seu casal,
Nas letras da naturesa
Ora soletra a riquesa,
Ora a pobresa annual.

Das boninas ás violetas
As pintadas borboletas
Andam doidas a saltar;
Que voadoras florinhas!
Dizem, rindo, as creancinhas,
Morrendo pelas caçar.

Na corrente chocalheira
Vae a flor da amendoeira,
Que fresca briza apanhou:
Mas tão travêssa como ella,
Colhe-a n'agua uma donzella
E—Primavera—bradou.

Primavera! Primavera!
Brada o homem, brada a fera,
Vendo-a na terra e no céu;
Tudo é gala, tudo é riso,
Que um risonho paraiso
Nos amostra o erguido véu.

Sê bem vinda, sê bem vinda,
Tu do anno, ó noiva linda,
E mocidade, e prazer;
Traz-me aquellas tardes tuas,
Aquellas noites e luas,
Que fazem o teu poder.

Sê bem vinda, minha amada,
Toda em perfumes banhada,
Toda alegria e frescor;
Quero cingir-te um abraço,
E depois no teu regaço
Adormeça o trovador.

V

INNOCENCIA

Eramos ambos, ella e eu, vagando
No Tejo, em leve barco; e ella ainda
Mal contava trese annos.

Ia alta a noite, não havia lua,
Mas via-se ò céu todo pespontado
De brilhantes estrellas.

A viração suave ciciava,
E c'os louros cabellos annellados
Lhe brincava, nos hombros.

Ella, meio deitada, tinha a face
Voltada ao céu, e dir-se-hia espelho
Representando um anjo.

Eu então, a seus pés ajoelhado,
Cantei-lhe ao som d'uma toada branda
Esta canção singela:

Tu és linda como é lindo
O alvorecer da manhã,
Tu és rosa como as rosas
Da primavera louçã.

Tu és pura como é puro
Das estrellas o fulgôr,
Tu és pomba como as pombas
De branca, innocente côr.

Tu és manhã, rosa, e pomba,
Tu és estrella sem véu,
Tu és anjo como os anjos,
Que te namoram do céu.

Amanhece-me na vida,
Vem-me n'alma vicejar,
Ó pomba, arrulha d'amores,
Meu anjo, vem-me guardar!

E a formosa innocente aos sons da lyra
Sorrindo adormeceu!... Ai! quem podéra
Dormir nessa innocencia!

Dorme tu, dorme agora; e se inda um dia
Te ha-de o mundo ensinar a velar mágoas,
Dorme ahi para sempre!

VI

A VIOLETA

Como sósinha, e sem medo
No meio d'este arvoredo
Vieste desabrochar!?
Quem te ha-de aqui vir amar?
Quem ha-de, se este rochedo
Não vê mais que céu e mar?!

Rôxa florinha, não queres
Como os aureos malmequeres
Ser bem fadada d'amor?
Não sabes, modesta flor,
Que os buscam lindas mulheres,
Que os consulta o trovador?

E a rosa, a rosa tão bella,
Que anda sempre na capella
Da namorada louçã?
E o cravo, irmão da manhã,
Que no seio da donzella
Mata d'invejas a irmã?

Ao altar a desposada
Vai d'alvos botões c'roada,
Que a laranjeira lhe deu:
A perpetua, essa vi eu
Sobre as aras regalada,
Ouvindo os hymnos do céu.

Té ao goivo coube a sorte
De ser consagrado á morte
Com piedosa devoção;
Coube-lhe ouvir a oração,
Que ao soterrado a consorte
Lhe envia do coração.

Só tu, violeta, em segredo
No meio d'este arvoredo
Has-de ignorada murchar?
Quem te ha-de aqui vir amar?
Quem ha-de, se este rochedo
Não vê mais que céu e mar?!

Pobre flor! sempre sosinha!
Nem zagala, nem rainha
Se c'roar da pobre flor!
Não vir se quer um pastor
Dizer-lhe aqui—tu és minha,
Quero dar-te ao meu amor!

Não vêr ninguem noite e dia!
E nesta melancholia
Não ser vista por ninguem!
Florinha, comigo vem,
Quero dar-te a quem daria,
Tudo quanto o mundo tem.

Vem ser amada e amante,
E sobre a neve radiante
D'alvo seio recender;
Vem novo mar alli ver,
Ver novo céu mais brilhante,
Vem começar a viver.

Oh! mas não venhas, violeta!
Tem amor de borboleta,
Aquella a quem te ia dar!
Vale mais aqui murchar,
Sem ter dôr que te acommetta,
Do que viver a chorar.

Vale mais; o céu é lindo,
O mar é grande, é infindo,
E noite e dia são teus;
Não mudam mares nem céus,
E, em tuas folhas caindo,
Vais co'a brisa aos pés de Deus.

VII

Á BEIRA DO MONDEGO

Á beira do Mondego é doce, ó lyra,
Teus sons juntar aos sons das claras aguas,
Que ao pôr do sol mais namoradas gemem,
E comtigo gemer, entre o susurro
Dos inflammados beijos que, na margem,
Andam auras subtis furtando ás flores.
Agora que nas cordas da saudade
Mais triste a parda rôla gemebunda

Canta da viuvez queixosa nenia,
Mais triste o coração co'a triste cante
Lembranças de ventura! Unica estrella
Brilhando em céus de ferro ao desgraçado!

Oh! como era formosa a minha Julia
Lá quando, ao pé de mim, por tarde estiva,
Na verde relva pondo a branca face,
Qual perola engastada entre esmeraldas,
Do pobre trovador amava os versos!
Cantava-lhe canções d'amor extremo,
Canções que eu aprendi nos olhos d'ella,
E a cada verso me ensinava, em paga,
N'um mimoso volver mais versos novos;
Jurava-lhe ternuras, que os meus labios
Iam nos labios seus firmar com beijos;
Pintava-lhe depois, nos meus anhelos,
Da enternecida Julia um terno abraço,
E da pintura em meio me sentia
Por laço de marfim já preso o collo.
Como era bella assim! Par'cia um lyrio
Em candido festão alli pendendo!
Ás vezes, por manhã de primavera,
Junto ás aguas de limpida corrente
Ia Julia assentar-se, eu de joelhos
Um aureo malmequer lhe desfolhava

Em seu alvo regaço, e minha sina
Soletrava, tremendo, em cada folha;
Eis d'uma a outra flor erguia os olhos,
Quando a ultima folha me cahia
D'as mãos, c'um *mal-me-quer* sentido e longo...
Mas seu meigo sorrir, qual meiga brisa
A nuvem dissipava, e a flor do prado
Ficava mentirosa aos pés de Julia.
Á noite, n'um barquinho, em lago puro,
Vogavamos sem tino, e da floresta
Suave rouxinol cantava amores,
Festejava da lua a face argentea
Brilhando em céu d'anil, como brilhava
O retrato de Julia, á flor das aguas;
Embalada no barco a minha amada,
A pouco e pouco, ia deixando, languida,
Que o somno nos seus olhos me apagasse
A luz dos meus, o sol da minha vida,
Mas eu logo, de cego, ia buscando
C'os labios accender o lume extincto!
Ah! que ledo já fui, e tive crença
No amor da mulher! Julguei que a rosa
Em botão virginal não tinha espinhos!
Amei como no mundo amar só póde,
No arrebol da existencia, um peito d'homem!

Amei-lhe a alvura da face,
Amei-lhe seus olhos bellos,
Amei-lhe o nacar dos labios,
E seus formosos cabellos.

Amei-lhe as rosas do pejo,
Amei-lhe a tez de setim,
Amei-lhe o collo de cisne,
Amei-lhe a mão de marfim.

Amei-lhe as perlas da boca,
Amei-lhe o braço de neve,
Amei seu ar elegante,
Amei-lhe a cintura breve.

Amei-lhe os hombros de jaspe,
Amei-lhe o seio divino,
Amei-lhe o andar gracioso,
Amei-lhe o pé pequenino.

Amei seus gestos sem arte,
Amei-lhe os prantos da dor,
Amei-lhe as doces palavras,
Amei seu riso d'amor.

Amei-lhe a linda innocencia,
Amei-lhe a casta isenção,
Amei-lhe os seus pensamentos,
Amei-lhe o seu coração.

Amei o ar que bebia,
Amei o chão que pizava,
Amei-lhe as flores da trança,
Amei a côr que trajava.

Amei-lhe os paes e a amiga,
Amei-lhe a canção singela,
Amei tudo o que ella amava,
Amei tudo o que era della!

Que importou este amor? Meus gratos sonhos
Pouco duraram; acordou-me delles
Um dia essa mulher... e hoje suspiro
Saudades do que fui, do que era Julia!...
Baldado suspirar!... Não mais, silencio;
Valor, meu coração, afoga ao menos
Lá dentro as queixas, que não vão contar-lh'as;
Esse gosto lhe falte; não, não saiba
Que hoje, á tarde, por margens do Mondego
Venho co'a antiga lyra recordar-me

Da passada ventura, inda saudoso!
Seccai-vos, minhas lagrimas, seccai-vos,
Que prantos d'homem não os vale nunca;
No mundo, uma mulher... que os paga... em risos!

VIII

A MADRUGADA

Ei-la trajando verdores,
A linda mãe dos amores,
Com seus volateis cantores
Pelos campos a folgar;
Ei-la folgando na mata,
Que nas aguas se retrata,
Nas aguas de liza prata,
Na prata do lizo mar.

Salve, rainha formosa,
Festeja-te o lyrio, a rosa,
Dos jardins a mariposa,
Do trovador a canção;
Festeja-te a pastorinha,
Que nas cores te adivinha
Um pensamento, que tinha,
Que tinha no coração.

D'aldêa o sino te chama,
E o moço, que deixa a cama
Porque vae ver a quem ama
Ao pé da encosta d'alem;
Suspiram-te sempre os montes,
Abraçam-te os horizontes,
Choram-te rios e fontes,
Nas fontes d'amor que teem.

Bemdiz-te o velho, e ensina
Á neta, que é pequenina,
Rezas sanctas da divina
Crença, que tem no Senhor;
Bemdiz-te o armento balando,
Do tumilho o cheiro brando,
E o pegureiro cantando,
Cantando magoas d'amor.

Vem, ó linda madrugada,
Vem de violetas c'roada,
Pelas brizas embalada,
Vem nestes campos folgar;
Folga nos céus e na mata,
Qne nas aguas se retrata,
Nas aguas de lisa prata,
Na prata do liso mar.

IX

UM BRINCO

Por que folgas, infante, ao pé das ondas,
Quando sobem, fugindo, e quando descem,
Perseguindo-as, louquinho?!
Já lamberam teus pés, já, despeitosas,
Te cuspiram á face a leve escuma,
E sorris-lhes, applaudindo?
Oh! não brinques assim... ai!... foge... foge...
É já tarde!... involveram-te! banharam-te!...
Foge ás vagas do mundo!

X

A ESTRELLA

Eu não tenho na terra os meus amores,
Alma afinada pelos sons da minha
Só existe nos céus, é nivea estrella!

Como brilhas no oriente formosissima
Engastada em azul, perla de fogo!
Solitaria, desdenhas milhões d'astros,
Que, em torno, ao longe, te namoram meigos,

Apurando o fulgor; apurem, ardam,
Tambem ardem de inveja; que me importa?
Teu amante sou eu, tu és só minha,
Prendeu-te ao trovador seu canto altivo,
Prendeu-te a aspiração, que lhe vai d'alma.
Deixando cá da terra os vãos affectos,
Amar o que é do ceu, e dar-te ás chammas
Novas chammas d'amor, em aureo ramo,
No altar do teu Deus fulgindo eternas!
Estrella, és minha amante, a ti meu canto,
A ti meu coração, que a crença accende
D'uma luz perennal, que aviva a tua!

Quando, á noite, mimosa vens sorrindo,
Ao erguer do teu veu, já eu, saudoso,
Com a face na mão, do rio á beira,
Te espero ha muito, por colher-te sofrego
Teu limpido sorriso. Alli trocamos
Doces extremos, confidencias doces.
Fallas-me tu d'amor, d'amor te fallo;
Dás-me os claros diamantes com que toucas
Tua candida fronte, eu dou-te a lyra,
Dou-te as minhas canções, que a briza leva
Nas transparentes azas; vens, ás vezes,
Como atrahida pelos meus requebros,

Já mais perto de mim, mostrar-me a face
Com tremente clarão nas frouxas aguas;
Ás vezes, como em zelos, vais fingir-me
Sob a nuvem, que passa, um breve arrufo,
Logo voltando a afagar-me o rosto
Com mais lúcidos raios; e vagamos
Ambos juntos na terra adormecida
Ou nos campos d'anil, onde tu vives!

Aqui, sou eu que das florinhas conto,
Como tem co'a tua luz côr mais suave,
Mais terna voz o rouxinol no bosque,
A fonte mais encanto em seus suspiros,
Mais saudosa impressão o mar e os campos!
Alli, és tu, que do Senhor me contas
Mais altas maravilhas nesses mundos,
Que lhe fervem aos pés; alli, revelas-me
Os segredos da noite; as magas fontes
D'immortal poesia; os sons suaves
Das angelicas harpas; e me ensinas
Onde, do espaço nos abysmos, dormem,
Esp'rando a voz de Deus, trovões e raios;
Ensinas-me o que os ventos vão dizendo,
O que dizem, passando, os meteoros,
As nuvens, o luar, e cada estrella

No scintillante lume! Oh! não, não houve
Nunca entre amantes nem amor, nem fallas,
Como as fallas e amor destes amores!
Eu te amo, linda estrella, eu te amo, e tenho
Dias melhores, por te ver, nas noites,
Que no sol importuno!... E eil-o... já rompe
Por detrás dos outeiros!... Vem de novo,
Assim que se elle fôr; adeus, não faltes;
Adeus, estrella, o coração me levas!

Eu não tenho na terra os meus amores;
Alma afinada pelos sons da minha
Só existe nos céus, é nivea estrella!

XI

MELANCHOLIA

É mais doce que a alegria,
Mais que do riso a impressão,
É mais doce ao coração
A doce melancholia!
Quasi sempre, ao fim do dia,
Vem minha alma procurar,
E sinto o que não sentia,
E gosto de a ver chegar.

Entra, não sei com que chave,
Mas sabe-me n'alma entrar;
Entra meiga, entra suave,
Sem amargura nem dor,
Fallando sempre d'amor,
Do encanto da soledade,
Do céu á noite, da flor,
Que traz ao peito, a saudade!
E eu sinto nessa hora, então,
Que é mais doce que a alegria,
Que é mais doce ao coração
A doce melancholia.

Ás vezes leva-me álem
Onde o mar geme na praia,
Mostra-me o sol que desmaia,
Mostra-me a escuma que vem
Ferver nas pedras redondas,
Mostra-me ondas sobre ondas,
Um barco ao longe a passar,
As estrellas que começam
Pouco a pouco a scintillar;
E quer que os olhos se esqueçam
Alli sem ver, sem olhar;
E eu ponho-os lá esquecidos,
Aqui ou alli volvidos,

E gosto d'assim ficar;
Gosto; e sinto, que a alegria
Não faz tão doce impressão,
Que é mais doce ao coração
A doce melancholia.

Ás vezes, faz-me assentar
Junto á fontinha sonora
E c'os prantos que esta chora,
Diz-me que aprenda a chorar;
Diz-me que ha chôro sem magoas,
Que vem d'um longo scismar,
D'um scismar ao pé das aguas,
D'ouvir as aves cantar,
E que d'íntima ternura
Só de scismada ventura,
Nos cahe, sem mesmo o cuidar;
Diz-me que então, acordado,
Se pode um sonho sonhar,
Sonho futuro ou passado,
Visão de longe a acenar;
Um sonho que pouco dura,
Que tem tristeza e doçura,
Que é virgem celeste e pura,
Que desce á terra sem véu,
Que vem c'roada de flores,

Que diz amor aos amores,
Mas vôa depois ao ceu!...
E eu logo a visão lá vejo,
Chóro, e sonho, e scismo então,
Na lembrança ou no desejo,
E gosto dessa impressão,
E sinto no que eu sentia,
Que é mais doce que a alegria,
Que é mais doce ao coração
A doce melancholia.

XII

AS QUATRO EDADES DA MULHER.

(Imitação de Millevoie.)

Quatro caixinhas resumem,
Segundo diz a exp'riencia,
Das mulheres, quasi sempre,
As estações da existencia.

A primeira, em tenros annos,
Guarda os doces *rebuçados*,
A segunda, inda mais doces,
As cartas dos namorados.

Guarda depois a terceira
Comprada côr, que pintando.
Vai na face as falsas rosas
Quando as outras vão murchando.

E por fim, quebrado o espelho,
Chegado o tempo da lei,
Toda a ternura se encerra
Na caixinha do *Agnus Dei*.

XIII

O MEU SÃO JOÃO

Já da rainha das noites,
Noite dia a tantas almas,
Já sinto estalar as bombas,
Sinto a grita, sinto as palmas.

Rompe as nuvens o foguete,
E lá nos céus estrugiu,
Brilhou, morreu, e ligeiro,
Volta, desce, alem caíu.

Crepitam rubras fogueiras,
Dança a donzella cantando,
Canta e dança o namorado
Na viola suspirando.

Aqui um rancho apparece
Co'as alcachofras na mão,
Que vem saber na fogueira
Segredos do São João.

Alli gemendo o pinheiro
Co'a labareda abraçada,
Vem a terra, e toda a turba
Solta unisona risada.

E brilham roupas nevadas
Ao baço clarão da lua,
E tudo corre dos lares
Alegre de rua em rua.

Mais d'um somno descuidado
Agora o estrondo quebrou,
Só de velhos; que entre as rugas
Rosa d'amor se murchou.

De velhos, por que de gelo
Cobre a edade o coração:
De velhos, a quem deslembra
A noite de São João.

Tudo o mais anda velado,
Tudo de risos se esmalta,
Tudo alegre ao som dos vivas
Por sobre as fogueiras salta.

Esta é a noite dos segredos,
Noite d'amor e ciumes:
Quantos não nascem, não morrem
Hoje á volta d'esses lumes!

Retumbam por toda a parte
Os folguedos d'alegria,
Só eu comtigo me abraço,
Mimosa melancholia.

Este aqui a sorte espreita
Dentro da urna singela,
Sae um nome... geme e diz
Não é este o nome *d'ella*

Aquelle as estrellas conta,
E se a conta não mentiu,
Cada estrella lhe promette,
Outra estrella que elle viu.

Esta da fonte ou do rio
Guarda as aguas salutares,
Onde n'um ovo se escrevem
Ou venturas ou pesares.

Aquella tem seu destino,
Todo fechado nas flôres,
Hade ler em cada folha
A historia dos seus amores.

Qual na areia faz a cova,
E lá se enterra o dinheiro,
Que deve sair propheta
Depois do dia terceiro.

Qual no prado, qual na fonte,
Que tem moiras encantadas,
Aguarda da sancta noite
As donosas orvalhadas.

Todos sabem um segredo,
Com que do íntimo seio
Vão arrancar nesta noite
Occulto segredo alheio.

Só eu não tenho uma sina,
Só eu não tenho um condão,
Só eu não tenho quem leia
Dentro do seu coração!

Oh! quem podera nesta hora
Das prophecias d'amor
Ouvir á bella das bellas
A sina do trovador!

A fogueira de seus olhos
Já queimou minh'alma inteira:
As outras fogueiras fallam,
Só não falla esta fogueira!

Reverdece o orvalho as flores,
Hoje crestadas na chamma,
Só meu pranto na flor d'alma
Tão baldado se derrama!

Nem esta noite d'encantos
Me desencanta o futuro,
Cede amor hoje aos mais tristes,
Só não cede ao meu conjuro!

Té os moiros na Moirama
Tem nesta noite um condão,
Só eu não tenho quem leia
Dentro do seu coração!

Retumbam por toda a parte
Os folguedos d'alegria,
Só eu comtigo me abraço,
Mimosa melancholia.

XIV

N'UM ALBUM

Tem mil folhas este livro,
Mil nomes talvez terá;
Mas qual folha, mas qual nome
Ao coração fallará?

Esse é livro que, bem sabes,
Mais que uma folha não tem,
Não deve ter; com mil folhas
Quem n'o quizera?—ninguem.

Tem uma só, nem se póde
Mais que um nome lá gravar;
Não é assim? A um só peito
Um só nome para amar.

Quem vir, pois, esses mil nomes,
Que estas mil folhas terão,
Não lhe pareça registro,
Cabe um só no coração.

XV

O CREPUSCULO

Bem vindo sejas com tua luz suave,
Amoroso crepusculo, bem vindo!
Coração de mulher, qual philomela
É todo amor e canto ao pé da noite.
Do amante a voz, então, acha caminho,
Do ouvido ao coração, mais curto e facil;
Toldam sombras o pejo, as faces podem
Osculadas córar, sem que o triumpho
Lá veja o vencedor escripto em rosas;

Melhor se escuta o frémito dos labios,
Suspirando d'amor, pedindo amores;
Póde o *sim* mais sumido então colher-se!
Fingir que foi acaso a mão tocada.
O rigor feminil, desdens, orgulhos
Vão nas azas da briza do crepusculo!

Bem vindo, pois! Tambem eu te esperava;
Desce aqui, tinge a sala, e deste lado
Põe mais sombra, inda mais, assim;—agora
Attrahe para a janella quem tu sabes,
Que vá ver como é lindo o fim da tarde,
E que nos deixe a nós; abre o pianno
Áquella mão propicia; quem não gosta
D'ouvir tocar nesta hora? Ouçam... não ouvem
Por isso mesmo tudo... ouçam, que é bella
Esta aria da Norma!... Eis o momento
De tudo lhe dizer... ó luz maldita!
Que cedo vieste!...—Não lhe disse nada!

XVI

ELYSA

—Vem sentar-te, donzella, em meus joelhos;
Cinge, cinge-me ao collo o roseo braço;
Poisa a face na minha; ergue os teus olhos;
Que vês tu, innocente?

—Vejo o vôo da pomba;—é teu anhelo:
—Alva nuvem partir-se;—é teu sorriso:
—Vejo o sol que fulgura;—é tua imagem:
—Vejo o céu;—é tua patria.

—Vem sentar-te outra vez nos meus joelhos;
Embebe-me no peito essa candura;
Inclina aos vagos sons o puro ouvido;
Que escutas, innocente?

—Ouço a fonte a carpir-se;—é teu suspiro:
—Da philomela a voz;—és tu que fallas:
—Ouço as harpas do mundo;—são teus hymnos:
—Ouço um anjo;—é tua prece.

—Oh! vem mais uma vez aos meus joelhos;
Casa teu peito ao meu com mais extremo,
Que vaes tudo saber, assim; responde,
Que sentes, innocente?

—A tua mão que me estreita;—é meu carinho:
—Os teus labios nos meus;—é casto beijo:
—Teu peito que me abraza;—é meu affecto...
Fugiste?... És a innocencia.

XVII

O RAMO DA DESPEDIDA

Quiz deixar-te um ramalhete,
Quiz no *adeus* esparzir flores;
Colhi os cravos, as rosas,
Os rôxos, lindos amores.

Colhi cheirosa alfazema,
Alecrim dos namorados,
E juntei-lhe da videira
Dois *abraços* apertados.

O jardim era mui pobre,
Que o *melhor* não tinha, não!
Em vão busquei a *saudade*
Só a achei no coração!

Mas ainda assim este ramo
Já não vai de todo mudo;
Dizem-te muito estas flores,
E este *adeus*... diz mais que tudo!

XVIII

HARMONIAS DA NOITE

Canta teus cantos, brando vento, canta
Adormecendo o val, no fim da tarde;
Tange na harpa sonora da floresta
Harmonias da noite.

Vem, sereno Mondego, filtra agora
Pela areia de prata viços novos
Ás florinhas da margem, desmaiadas
Dos ardores do dia.

Banha-me a accesa fronte, meu salgueiro,
Co'a fresquidão da aragem, que nos ramos
Sabes temp'rar, coando-a pouco a pouco,
Em murmurio suave.

E tu, filha d'amor, candida lyra,
Nesta hora doce, com teus sons mais doces,
Vaga co'o trovador em vago canto,
Vaga por céus e terra.

∞

Amo o tibio clarão do argenteo disco,
Porque a luz do luar não cega os olhos,
Como faz a do sol, porque me deixa,
Nesse lago d'anil, por onde esplende,
Namorar-lhe a belleza.

Amo a languida côr do ethereo espelho,
Onde os amantes, separados, buscam
Encontrar-se c'os olhos scismadores;
Onde crêra talvez grego engenhoso,
Que Venus se mirava.

Amo, quasi pagão, na branca esphera
Da casta Delia envergonhado riso,
E já lá finjo negrejando os bosques,
Onde co'a turba caçadora exerce
Seu culto pudibundo.

Amo as rosas do céu, que se emmurchecem
Quando a lua vaidosa as vai pizando;
Amo as nuvens c'os seios bipartidos,
De respeito alastrando eburnea senda
Á rainha dos astros.

Amo a grenha voando ao meteóro,
Quando pallido foge ante seus passos;
Amo tudo o que a cérca e faz mais linda,
Tudo o que lá lhe rende melhor culto,
Que o dos meus pobres versos.

Noite! Noite! Que mão te ha desdobrado
Das alturas do céu, assim no mundo?
Do templo do Senhor és véu, que os anjos
D'infindos orbes d'oiro recamaram?
És lavrado padrão da Omnipotencia,
Memoria erguida em campos do infinito?
Milhões de sóes que ostentas, serão tochas
Ardendo ante o teu Deus no altar immenso?

Serão letras d'amor, com que lhe escreves
Nessa pagina azul o ignoto nome?
Tuas nuvens que são? São do thuribulo,
Que agitam cherubins aos pés do Eterno,
Queimado incenso a desfazer-se em fumo?
Noite! Noite! Que és tu? Que vens á terra,
Silenciosa, dizer com teus mysterios?

«»

Não sei, não sei com que encantos
Falla a noite ao coração,
Mas as horas dos meus cantos
As horas da noite são;
Com ellas na solidão,
Longe o rumor das cidades,
Tomando a lyra na mão,
Afinando-a nas saudades,
Esqueço-me alli então;
Suspiro por entre as flores,
E á luz de ethereos fulgores,
Canto suaves amores,
De noite, de dia não;
Que sem saber com que encantos
Falla a noite ao coração,
Doces horas dos meus cantos
As horas da noite são.

«»

Que irá dizendo o Mondego
A sussurrar nesta areia?
Que lhe responde da margem
O sinceiral, que a sombrea?

No seu cristal derretido,
Vejo, co'a luz do luar,
Outro Narcizo, um salgueiro
Um salgueiro a namorar.

Outra Echo, a briza doida,
Que foi por elle enjeitada,
Anda a carpir-se zelosa,
E põe a lympha enrugada.

Cuida que mora lá dentro
Escondida uma rival,
E por dar-lhe inveja espalha
Perfumes, que traz do val.

Raivosa tolda co'as azas
O liso espelho brilhante,
Cospe co'as azas, raivosa,
O Mondego ao seu amante.

O salgueiro então, curvado,
Sacode a fronte singela,
Murmura um ai, mas teimoso
Busca na agua a imagem bella.

E o rio que irá dizendo?
Fallará destes amores,
Ou gemerá lá comsigo,
Dos que elle traz com as flores?

Quem sabe? Talvez só sejam
Antigas mágoas, talvez,
E que inda arqueje na área,
Saudoso da linda Ignez!

Ai! De Ignez inda a fonte, além, soluça,
Inda lhe chora a morte escura della,
Osculando na pedra eternas manchas
Do sangue espadanado!

Não longe, os cedros, balouçando a coma,
Inda vergam de dôr, inda meditam
No caso triste de memoria digno,
Que desenterra os mortos!

Alli, d'um terno amor ternos momentos
N'aza fugaz do tempo iam fugindo,
N'aquelle engano d'alma, que a fortuna
Não deixa durar muito.

Dos suspiros d'Ignez, inda lembrados,
Os echos, pelo monte, ás horas mortas,
Suspiram brandos ais, e aos sons da lyra
Respondem gemebundos!

Quero muito á voz saudosa
Dos echos da solidão;
São amigos invisiveis,
Com quem falla o coração.

É tão doce nestas horas
Poder assim conversar,
Poder do nosso gemido
Egual gemido escutar!

Chamar aquella que é longe,
Chamar aquella que se ama
E o som d'amor e saudade
Não morrer na voz que a chama!

Ver que o monte um nome aprende,
Que depois o ensina á briza,
Que se eu digo—Elysa! o monte
Diz logo tambem—Elysa!

Quero muito á voz saudosa
Dos echos da solidão,
São amigos invisiveis,
Com quem falla o coração.

Mas quem pode formar taes sons no monte?
Será perdido amante a penar mágoas,
Desprezos da que amou, desdens d'ingrata,
Injurias d'um rival, ou será nympha
Que um ingrato enjeitou, e alli chorosa,
Inda louca d'amor, serve aos amores?
Oh! dize-me quem és, voz grata aos tristes?
Silencio!... respondeu... maldicto vento,
Que lhe pude ouvir só—voz grata aos tristes!

Embora, fique embora isso em segredo,
Saiba-o sómente Deus!
Tambem segredos d'alma quantos tenho
Que só sabem os eéus!

Nem importam á turba; que diria
Dos meus sonhos d'amor?
Mas são esses, são só toda a ventura
Do pobre trovador.

Cala-te, pois, ó lyra, e tu, ó noite,
Apaga o teu luar;
Das trevas no pallor deixa-me um sonho
Com Elysa sonhar.

XIX

ELLA

Florir n'alma ao trovador
Não pode a esp'rança perdida;
Não pode; é morta, é despida
D'aquelle antigo verdor;
Jaz calcada a pobre flor,
Linda flor da minha vida;
Sem perfume, e viço, e côr,
Desfolhada, enegrecida!

Coitada, ficou perdida
A esp'rança do trovador!
E entre as nuvens d'uma vida,
Tão farta de fel e dor,
Vida sem crença no amor,
Triste vida não vivida,
Não pode a esp'rança perdida
Florir n'alma ao trovador.

Mas póde!... Não vês, vestida
De plumas de casto albor,
Essa *avesinha*, descida
D'entre os anjos do Senhor?
Pois na voz enternecida,
Pois no candido frescor,
Pois em seus olhos d'amor,
Pois em tudo, renascida
Trouxe a vida á minha vida
Trouxe a esp'rança ao trovador!

XX

A SAUDADE PERDIDA

[illegible]sto a minha saudade!
[illegible] perda! ai, triste flor!
[illegible] perde assim teu amor
[illegible] d'ella tera piedade?
[illegible] ella agora quem hade
[illegible]-te o trovador?

Minha saudade! era minha
Não podia ser feliz;
Não lhe valeu seu matiz
Nem o vaso d'onde vinha;
No meu peito, coitadinha,
Porque lançaste a raiz?

Cultivaram seus encantos,
Quando era tenro botão,
Em vez de sol a affeição,
Em vez de brizas meus cantos,
Foi regada com meus prantos,
Foi-lhe terra o coração!

Erguia-se o meu cuidado
Quando inda dorme a manhã,
Por velar que á flor louçã
Não fosse o viço murchado;
Nunca um irmão desvelado
Velou mais nenhuma irmã.

Minha saudade! perdida!
Tão linda, perdida assim!
E tu, meigo cherubim,
Que és vida da minha vida,
Porque a perdeste? esquecida,
Assim te esqueces de mim!

Por te ver foi semeada,
Por te não ver a criei,
Altos fados lhe fadei,
Na hora em que foi cortada,
E contra o peito apertada
Este cantar lhe cantei:

« Florinha de rôxas cores,
« Minha inveja, vais beber
« Morte melhor que o viver
« No seio dos meus amores;
« Oh! quem nascera entre as flores,
« Que lá podesse ir morrer!

Mas nem ella, a innocentinha,
Nem ella assim lá morreu;
Nevada mão a perdeu,
Que já perdido me tinha!
Pobre saudade! eras minha,
Seguiste tudo o que é meu.

E quem sabe aonde iria?
Em que mão hoje estará?
Se calcada jazerá,
Se desfolhada seria?!
Minha flor! ninguem diria
Que tinhas sina tão má!

Oh! quem achasse a saudade!
Quem me tornára essa flor!
Sem ella, meu pobre amor
Ficou em triste orfandade;
Sem ella agora, quem ha-de
Recordar o trovador?

XXI

VISÃO

Era lá entre uns altos cabeços,
Entre sombras d'ameno frescôr;
Onde as auras com brincos travêssos
Vertem doidas seus beijos á flôr.

Era lá onde um val de esmeralda
Barra o Lima com prata a ferver,
Onde, ao longe, do monte na espalda
Finge a rocha um phantastico ser.

Era lá onde em noites de maio,
Quando olhava da lua o clarão,
Dos sentidos n'um doce desmaio
Conversava c'o meu coração.

Nesses sitios em que eu me fugia
Para dentro desta alma, e n'um véu
Bem fechado, bem denso, a harmonia
Escutava das harpas do céu.

E trancado por dentro da mente,
E sósinho comigo, a scismar,
Era longe do mundo descrente,
Como o nauta nos plainos do mar.

Era lá onde em fresca devêsa,
Qual sacrario de mystica flôr,
Minha chamma d'amor tão accesa
Mais accesa pedia um amor.

E pedia-o na voz lacrimosa
Vendo a aurora nos céus despontar,
E pedia-o na lyra saudosa
Alta noite, da noite ao luar.

E pedia-o ás rosas mais bellas
Inda virgens das furias do sul,
Ao docel pespontado de estrellas,
Á montanha vestida d'azul.

E pedia-o c'os braços erguidos,
C'os joelhos na relva do chão,
E pedia-o gemendo uns gemidos
Que na terra gemi sempre em vão.

Mas foi lá que n'um vôo da mente
Nova terra a meus olhos compuz,
Por que incognita mão de repente
Apagou-me dos olhos a luz.

Já não via, era cégo... e já via
C'uma vista que n'alma senti;
Noite uns olhos, nos outros o dia,
Era cégo, era cégo... mas vi!...

E que mundo! que céu recamado
De saphiras e perlas a mil!
E que sol que lá vi reclinado
Em seu berço de prata e d'anil!

Que eternal primavera surria
Com eternas grinaldas na mão!
D'aureas aves que meiga harmonia!
Da harmonia que meiga emoção!

E que rios, que valles, que montes!
Que cidades de claro marfim!
Que cristal derretido nas fontes!
Que palmares por veigas sem fim!

E lá dentro, no fundo, no meio
De marmoreos oiteiros, um mar...
E no mar um barquinho... e no seio
Do barquinho um remeiro a remar...

E levou-me no barco o remeiro,
E levou-me tão longe!... e parou...
C'uma vara de prata, certeiro,
Praia a dentro o barquinho encalhou...

E na margem, que absorto contemplo
Tapetada de estranho matiz,
O remeiro apontando-me um templo
Disse—«bardo, entra alli, sê feliz.»

Eu fiquei-me c'os olhos pregados
Nas arcadas do templo sem par...
Ouço uns sons... vejo uns remos alçados...
Ia ao largo o remeiro a remar...

Olhos longos ao mar, e seguindo
O barquinho um momento fiquei...
Para o templo depois fui subindo
Fui subindo, subindo... e entrei...

Oh! entrei... e que vi!... por mil annos,
Resumidos n'uma hora, vivi!...
Não duraram meus gratos enganos,
Que não sei por que modo... eis-me aqui!

XXII

NO ALBUM D'UMA ROSA

Linda rosa, ha no mundo um só vaso,
Que não quebra, ha um só, e mais não;
Quebra todos um simples acaso,
Só não quebra um leal coração.

Se não queres teus viços murchados,
Olha bem a que vaso te dás,
Poucos ha por tal modo talhados,
Que resistam ao tempo... verás.

Não te illudam as vividas côres,
Nem relevos, nem graça gentil,
Entre risos escondem-se dores,
Ha um só que não mente entre mil.

Vaso d'oiro, que os olhos namora,
D'alabastro, de prata, ou marfim,
É talvez onde a rosa descora,
Onde triste, e em breve dá fim.

Oh! nem sempre apparencias formosas
São reaes neste mundo; o peor
Muitas vezes é bello; ás rosas
Simples vaso é talvez o melhor.

E são todos, oh! são quebradiços,
Toma conta na escolha, não val
Por um dia, que adorem teus viços,
Ter saudades em vão do rosal.

Olha pois, linda rosa, que um vaso
Que não quebra ha um só, e mais não:
Quebra todos um simples acaso,
Só não quebra um leal coração.

XXIII

UM ANJO NA TERRA

Quando andava a primavera
Á terra dizendo adeus,
Quando já voava aos céus
Com mil rosas, que lhe dera,
Do regaço, onde as quizera
Com sofrega mão guardar,
Deixou caír descuidosa
Do inverno á porta uma rosa,
Que elle foi logo apanhar.

Vivia a flor entre neves
Tristinha por só se ver,
Mas tal foi seu recender,
Levado nas azas breves
Do azul bando d'auras leves
Lá dos anjos á mansão,
Que um delles, dôido por vêl-a
Da rosa fez uma estrella
De transparente clarão.

Pôz na estrella Deus a vista,
E tão alva lhe luziu,
Tão pura, tão linda a viu,
Que fez d'ella uma conquista
Com que um anjo mais na lista
Dos seus anjos escreveu:
Mal o escreve, e a conta cerra,
Sentindo a viuvez da terra,
Mandou-lhe esse anjo do céu.

Bateu as azas tão bellas,
Azas brancas de setim,
Voou, voou, e por fim,
Dizendo adeus ás estrellas,
Veio poisar longe dellas,
Onde o Eterno lhe mandou...
Do céu ha pouco chegado,

Poderá ter escutado
O trovador que o cantou?

Não pode, bem sei, meus cantos
São pobre feudo, são flor
Sem viço, triste, sem cor,
E regada com meus prantos;
Não tem os doces encantos
Que escutou no reino seu;
Mas se os anjos não cantasse
Quem cantara?... não mandasse
Deus á terra anjos do céu.

XXIV

AS QUATRO CORDAS DA LYRA

Tem quatro cordas a lyra
Com quatro sons, e mais não;
Embora mais lhe desfira
D'algum bardo a incerta mão,
Que da minha outros não tira,
Nem tem mais o coração.

A primeira, a melhor corda
Afinei-a para os céus,
Do abysmo sentado á borda
Olho afoito os males seus,
Por que a lyra me recorda,
Por que a lyra me diz—Deus.

A segunda só me falla
Da minha terra natal,
É corda que não estala
Entre as paixões, é leal;
Patria, patria é o som qu'exhala,
Minha patria, Portugal.

Tem a terceira branduras,
Tem perfumes como a flor,
É a corda das ternuras
De mancebo e trovador,
Tem mágoas, mas tem venturas:
Esta corda diz—amor.

Resta a quarta, que afinada
Agora melhor a quiz,
É corda *por ti* provada,
Que das outras não desdiz,
Corda d'affectos temp'rada,
Amisade—é o som que diz.

E as quatro cordas n'um hymno,
N'um só hymno hei-de casar,
Se em quanto ousado as afino,
Mão da morte as não quebrar,
Que das quatro o som divino
N'uma só voz diz—amar.

Hei-de amar, cantar na lyra
Quatro affectos, e mais não,
Embora mais lhe desfira
D'algum bardo a incerta mão,
Que da minha outros não tira,
Nem tem mais o coração.

XXV

NO DESALENTO UM DESEJO

A vida é sonho mentido,
O amor uma illusão,
A mulher tigre fingido,
A amizade uma traição;
Tornou-se o saber vaidade,
Tyrannia a liberdade,
Um capricho cada lei;
Faz, desfaz o intr'esse a guerra,
De sangue se alaga a terra,
Geme o povo, geme o rei.

Fez-se hypocrita a virtude,
Ás trevas chamou-se luz,
Mascarado o vicio rude
Foi sentar-se aos pés da cruz;
Hoje a honra é só palavra,
A mão que as sentenças lavra,
Mão de Judas, se vendeu;
A lança, esteio do throno,
Vérga nas mãos de seu dono,
Vérga áquelle que mais deu.

Dos bardos o fertil ocio
Prostituiu-se tambem!
Esquecem o sacerdocio
Que na terra um bardo tem;
Incensam paixões na lyra,
Vestem de gala a mentira,
Misturam doçura e fel,
Servos d'alheio aceno
Espremem negro veneno
Entre palavras de mel.

Que triste o mundo não vejo!
Que triste vista! mas é;
Ai quem me dera um desejo
Do tempo em que havia fé!
Quizera... não sei dizel-o,

Nem sabe a penna escrevel-o,
Que *ha muito* que o não *senti*...
Quizera, se *tu* quizesses,
Que um novo mundo me desses,
Novo mundo achar em *ti!*

XXVI

DONZELLA, OLHA A ROSA.

Um dia, candida rosa
Vi despontar entre as flores,
Linda flor;
Nem outra vi mais formosa,
Nem mais fadada d'amores,
Para amor.

Na fragil hastea curvada,
Ouvia a seus pés o rio
Suspirar,
Tinha a alva fronte c'roada
D'alvas perlas que o rocio
Lhe foi dar.

Embalada pela aragem,
Que em torno della gemia
Brandos ais,
Perla a perla sobre a imagem
A c'roa então lhe cahia,
Nos cristaes.

E a rosa, sem c'roa ao ver-se,
Tristinha, ao sol se queimara
Em botão;
Folha a folha a desprender-se,
Em breve toda ficara
Pelo chão.

Ai, donzella, como a rosa
Se despontaste entre as flores,
Linda flor;
Se és entre todas formosa,
E mais fadada d'amores,
Para amor;

Não te deixes pela aragem
Dos brandos ais enganada
Balouçar;
Como a rosa, tua imagem,
Não queiras, não, desfolhada
Lá ficar.

C'roou-te Deus de innocencia,
Assim florindo viçosa
Sem rival;
Possa eterna florescencia
Conservar-te eterna rosa
No rosal.

Possa amor amar-te pura,
Cercar-te sempre na vida
Sem a dor;
Que innocente formosura
Merece, se é comprehendida,
Tal amor!

XXVII

QUE DIZEM?

Uns olhos, olhos que fallam,
Que d'alma as fibras abalam,
Como eu os vi, ninguem viu;
São negros, negros, tão puros
Luzindo, apesar de escuros,
Qual nunca um astro luziu.

Que fallam, que fallam, sei-o,
Sei-o muito, exp'rimentei-o
Dentro do meu coração;
Cada olhar era um volume,
De que as letras eram lume,
Eram brazas de vulcão.

Eu soletrei-as, eu li-as,
E na memoria esculpi-as
Uma por uma; que fiz?
Soube apenas que fallavam,
Que luziam, que queimavam,
Mas cada olhar o que diz?

Olham, fallam esses olhos,
Cortam d'um golpe os abrolhos
Da vida, n'um só olhar;
Fallam, fallam, mas que dizem?
Fallam d'amor, ou maldizem
Quem d'amor lhes quer fallar?

E lindos, lindos são elles,
Quaes nunca o pincel d'Apelles
Soube pintar, não pintou;
Não tinha tão negras cores,
Nem tintas com taes fulgores,
Onde as achar? não achou,

São lindos, quaes nunca teve
Sonhada virgem de neve
Em sonhos de trovador;
Nem as filhas de Mafoma,
Nem filhas de Grecia, ou Roma,
Nem um anjo do Senhor!

Lindos, lindos, transparentes
Como o cristal das torrentes,
Como o véu d'um cherubim;
Transparentes, mas escuros
Como a noite, mas tão puros
Como o céu... vi-os assim.

Vi, mas que importa? fallavam,
Eram, lindos, e brilhavam
C'um meigo brilho só seu;
Fallavam, mas que diziam?
Brilhavam, por que luziam?
Por que luz o astro no céu?

Fallam, fallam n'um lampejo;
Mas entendem meu desejo,
Respondem ao meu olhar?
Ou fallam só, como falla
Onda insensivel, que estalla
N'um penedo á beira-mar?

Fallam só por que é seu fado,
Como o d'um céu estrellado
É brilhar na criação?
Ou fallam por que se accendem,
Por que os meus olhos entendem,
E respondem sim, ou não?

Se elles não fallam sem tino,
Como innocente menino
Sem pensamento nem fim,
Quando c'os meus os persigo,
Respondem ao que eu lhes digo,
Dizem não, ou dizem sim?

XXVIII

NÃO VALE A PENA, VALE A PENA

Vou, por tua escolha, escrever
Aqui, na primeira folha,
Mas faze melhor escolha
No livro do teu viver;
Aqui, se não acertaste,
Donzella, se te enganaste,
Tens o remedio na mão,
A desgraça foi pequena,
Dizes só—*não vale a pena*,
E rasgas a folha então.

No outro livro assim não é;
Uma prefrencia illudida
Acompanha toda a vida,
Leva raizes no pé;
E se fôr no livro aquella
Primeira pagina bella
Mais raizes levará,
Por que a innocencia serena
Confia que *vale a pena*
E pena sempre terá.

Depois, tu deves pensar,
Que em certa folha indo errada,
Por mais que a queiras rasgada
Ninguem t'a pode rasgar;
Debalde então se procura
N'outra pagina a ventura,
Que as outras são folhas vans;
Uma ha só no livro amena,
Ou então *não vale a pena*,
Se tem mais folhas irmans.

Deixa, pois, que ao escrever
Aqui na primeira folha
Te lembre melhor escolha
No livro do teu viver;
Aqui, donzella formosa,

Pode uma *fingida rosa*
Pagar bem ao trovador,
Mas lá não; tudo condemna
Falsa rosa, e *vale a pena*
Sómente a rosa d'amor.

A falsa tem para mim
Falsidade lisongeira,
Que, se fosse verdadeira,
Emmurchecia por fim:
Mas da outra a qualidade
Deve ser, sem falsidade
Conservar viço immortal;
Rosa que o tempo envenena,
É flor que *não vale a pena*,
É verdadeira no mal.

E se a falsa valor tem
Por ter andado comtigo,
Em dal-a não houve p'rigo,
Não póde achar-lh'o ninguem;
Vem do peito, mas embora.
Foi só do ramo de fóra,
Não é flor do coração;
Essa sim, d'amor na arena
Repara que *vale a pena*
Ao dal-a escolher a mão.

XXIX

A SÁIA NOVA

—Sáia nova còr de rosa,
Rosa!
Algum cirio á terra vem!
Hem?!

—Não, senhor.—E teu marido?
—Ido
Agora seis mezes ha:
—Ah!

—Anda embarcado lá fóra.
—Ora!
E tu então?—Eu, assim...
—Sim...

—Na vida por cá lidando,
Ando.
—Mas vida que não faz dó.
—Oh!

—Vida de moiro; a Maria...
Ria?
Do que eu faço, é quem dá fé.
—É?!

—Pergunte.—Mas antes d'hontem...
Hontem,
C'o Zé Nunes vi-te aqui?
—Hi!

Encontrei-o, vindo ao rio,
Rio,
Lá com elle alguma vez.
—Vês?!

E um estudante outro dia,
Ia,
A olhar-te tão maganão?...
—Não;

Diz-me sempre «vou comsigo?»
Sigo,
E olho a vêr, se vem tambem...
—Bem!

—Mas nada, não me persegue,
Segue
O destino em que já vai.
—Ai!!

—Só uma vez, por descuido,
Cuido
Que elle um beijo me furtou,
Ou...

Ou foram tres... eu sorri-me,
Ri-me,
São coisas sem má tenção.
—São

E aquelle tal ricalhouço?
Ouço
Que á quinta dos Olivaes
Vais?...

—Á quinta d'André Caniço?
Isso
É tambem sem mal nenhum.
—Hum!

XXX

A CAPELLA DO ERMO

Não vás do ermo á capella,
Ninguem de noite lá vá,
Dois fantasmas saem della,
Dois amantes mortos já;
Jesus! que medo! vê lá,
Não vás do ermo á capella.

Era a Condessa e Roberto,
Vi-os á luz do luar,
Ai! vi-os, vi-os hem perto,
Andavam a conversar,
Vi-os, ouvi-os fallar,
Era a Condessa e Roberto.

Que fez o Conde em matal-os?
Nem co' a morte os separou!
Á cauda dos seus cavallos
Foi debalde que os atou:
Se o amor lá lhes ficou,
Que fez o Conde em matal-os?

São mais felizes agora!
Que os ouça como eu ouvi,
Da sepultura cá fóra
Passeando por alli;
Se o Conde visse o que eu vi!...
São mais felizes agora!

Ambos de branco vestidos,
A Condessa erguendo o véu,
Parando agora, esquecidos,
Cuidei que olhavam o céu;
São dois anjos, disse eu,
Ambos de branco vestidos.

Uma por uma as estrellas
Apostavam de contar,
Mas por cada uma d'ellas
Um beijo lhes via dar,
Vae, Conde, vae-lhe apagar
Uma por uma as estrellas!

Depois na relva assentados
Ouvi-os cantar e rir,
Em doce enlevo abraçados,
Vi-os deitar-se a dormir;
E mais beijos a pedir,
Depois na relva assentados!

Que importa o mundo e o Conde?
Diziam, não tem poder;
Se amor na vida se esconde,
Na morte é flor a crescer;
Se a morte assim é viver,
Que importa o mundo e o Conde?

Nem na capella tem medo!
Que apagam do altar a luz,
E vão-se á cova em segredo
Sempre a beijar-se... Jesus!
Amor que nem vê a cruz,
Nem na capella tem medo!

Não vás do ermo á capella,
Ninguem de noite lá vá;
Dois phantasmas saem d'ella,
Dois amantes mortos já;
Jesus! que medo! vê lá,
Não vás do ermo á capella.

XXXI

EMFIM!

Ah! emfim, emfim és minha!
Emfim agora sou teu!
Trocou-se por este céu
A vida que d'antes tinha.
O coração, qual florinha,
Já quasi sêcca a pender,
E que viçosa amanhece,
O coração, reverdece,
Ama, e amar é viver.

Ah! emfim, esses desejos,
Esse longo imaginar,
Morreu emfim n'este mar,
N'este infinito de beijos!
Sumiram-se aquelles peijos,
Que nos impunha a razão,
Sumiu-se todo o passado,
E já comtigo abraçado
Sinto novo coração.

Bem novo, que o que eu tiver
O mundo tanto o gastou,
Que do pouco que deixou
Que daria quem o déra?
Mas este sim! Renascera
D'entre as ruinas melhor,
Como depois da fogueira
Se ergue queimada palmeira
Cheia de viço e verdor.

Eil-o, é teu, é teu, gosemos,
Tenho-te, pois, junto a mim;
Aqui, minha, minha emfim
Vivamos ambos, amemos
Um no outro, respiremos

Em beijos o ar vital,
Misturem-se as nossas almas,
Quaes duas casadas palmas
Sobre africano areal.

A vida assim, o futuro
Sempre assim, como hoje é
Este presente! Tem fé,
Que eu a tenho, e vou seguro
N'este amor tão vivo e puro,
Que sorvo nos labios teus;
Emfim vivemos; vivamos;
E assim um dia subamos
A ajoelhar aos pés de Deus!

XXXII

FLOR QUE NÃO MORRE

Foi a *nuvem* pela *deusa*,
Foi apenas illusão;
Vós a esp'rança não perdestes,
Mancebos, dizei-o em vão.

Esp'rar, esp'rar é do homem
Condição de eterna lei,
E é n'esse aspirar infindo
Que da criação elle é rei.

Vê sempre intangivel, sempre,
Longiquo, incerto fanal,
E no perpetuo desejo
Sente o destino immortal.

Esp'rar, esp'rar, eis a vida,
Poetas, negail-o em vão;
Rasgai a *nuvem*, que a *deusa*
Lá vive no coração.

Esp'rar nas faxas do berço;
Depois, das paixões no mar;
Esp'rar na edade madura;
À beira da cova, esp'rar.

Esp'rar no riso e no pranto,
Da sorte em vario matiz;
Espera ventura o triste,
Mais ventura o que é feliz.

Nnnca farto, os olhos crava
Do porvir no escuro véu,
Vive de esp'rança em esp'rança,
E a Fé aponta-lhe o céu!

Morre um affecto, outro nasce,
Passa um desejo, outro vem,
Depois d'um sonho, outro sonho,
De tantos que a vida tem.

E em cada estado um intento,
Cada edade uma affeição,
E a *nuvem* fugindo sempre,
E a *deusa* no coração.

Oh! bem haja a mão que a imagem
D'essa *deusa* ahi gravou!
Eil-a; que o filho do Sena
Bem vedes que a retratou.

Donzella d'olhos celestes.
Scismando á borda do mar,
Triste, nas trémulas ondas
Quer o céu interrogar.

A alma vaga-lhe incerta
Buscando um mundo melhor,
Invejando a extranhos entes
Azas de puro fulgor.

E ás vagas fugitivas
Debruçando o collo seu,
Parece que viu, e que a chama
Lá dentro um anjo do céu!

Bem haja o filho do Sena,
Amigos, a *deusa* ahi está,
Vêdes a esp'rança, ajoelhemos,
Não ha negal-a, não ha.

Esp'rar, esp'rar, eis a vida,
Eis a feliz condição,
Que é n'esse aspirar infindo
O homem rei da criação.

Esp'rar nas faxas do berço;
Depois, das paixões no mar;
Esp'rar na edade madura;
Á beira da cova, esp'rar.

XXXIII

NÃO CHORES

—Que tens? porque choras?
—Que tenho? não vês?
—Bem vejo, descoras,
E na palidez
Das faces te escorre
Em bagas, e corre
Co'a limpida flôr,
Dos olhos a dôr:
—Dos olhos? do peito,
Da duvida effeito,
Receios d'amor.

—Receios! quem ama
Como amas, e eu,
Quem sente esta chamma
Qual raio do céu
Fulgir dentro d'alma,
Cingil-a co' a palma
D'eterno verdôr,
Tem prantos, tem dôr,
E sente no peito,
Da duvida effeito,
Receios d'amor?!

—E sente, que eu sinto:
E ama, pois não?
Bem vês que não minto,
Oh! dá-me essa mão...
Não sentes cá dentro,
Do peito no centro
Minha alma a ferver?...
—Sim, sim, que bater!
—Pois bate por que ama,
Porque arde, e na chamma
Não cança d'arder.

—Mas choras?—e choro,
Não hei-de eu chorar?
—Descoras?—descoro;

—Porque?—por te amar:
Mais amo, mais temo,
Mais fino é o extremo,
Mais treme .. a ferver!
—Sim, sim, que bater!
—Pois bate por que ama,
Receia... e na chamma
Não cança d'arder.

—Não cança, bem vejo,
Não cança bem sei;
Mas paga-te um beijo...
Com elle eu paguei.
—Pagaste! quem paga
O mar que me alaga
D'um crú duvidar?
Pagaste! este amar
De terna loucura,
Só louca ternura
M'o póde pagar.

—Pois bem, serei louca...
—Tão dôida por mim,
Quanto eu na voz rouca
T'o peço?—pois sim,
Oh! sim... mas não chores,
Nem mais te descores

Com teu duvidar.
—Que se eu não chorar?...
—Com terna loucura
A louca ternura
Te hei-de eu pagar.

XXXIV

JURAMENTO

Oh! não te enfades... um beijo,
O primeiro, é de enfadar?
É crime um longo desejo
N'um curto beijo matar?

Não ralhes assim comigo...
Bocca tão linda a ralhar!
Toma outro beijo, e consigo
Tão linda bocca tapar.

Mais te enfadas?... que tormento!
Juro pois de me emendar;
Firme um beijo o juramento
De mais beijos não te dar.

XXXV

A PASTORINHA

Pastorinha, tu que fazes,
Cá tão longe do logar,
Todo um dia, em quanto trazes
No monte o gado a pastar?
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sosinha?

Fecha-te o mundo esta selva,
Nem d'elle os sons aqui vem,
E tu sentada na relva
Tantas horas sem ninguem!
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sosinha?

Na roca tens companheira,
Mas n'estes dias que são,
Se bem fias, fiandeira,
Vai-se a estriga, ou cança a mão!
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sosinha?

Malmequeres desfolhados
Tens no regaço, e aos pés;
São já folhas de cuidados,
Ou desejos que mal vês?
Dize, é n'isto, pastorinha,
Que lidas por cá sósinha?

Se tu conversas co' as flores
Se scismas, a olhar sem ver,
Pastora sonhas pastores,
Amando sem no saber;
Dize, dize, pastorinha,
Tu lidas n'isto sosinha.

Ai! pastora, tu córaste,
E vejo no teu rubor
Que, se o teu gado guardaste,
Não te guardaste d'amor;
Guarde-te Deus, pastorinha,
Não andes assim sósinha.

XXXVI

OS SONHOS

Alta noite, em sonho amigo,
Costumo muito comtigo,
Costumo muito sonhar;
Mas quando de mais me exalto,
Logo acordo em sobresalto,
E eis-me poeta a velar.

Chamo então o meu criado,
Que vem todo estremunhado
Trazer-me tinta e papel;
Faço versos, e que versos!
De muitos gostos diversos,
Excepto do meu Manuel.

Esta noite, assim que ponho
O olho, grito-lhe—sonho!
Vem cá depressa acudir;
Veiu, e diz-me—eu estava
Tambem sonhando, sonhava
Que me deixava dormir.

XXXVII

AMOR E MORTE

I

Que vultos vão pela serra
Ás horas do fim do dia?!
Que tropear de cavallos
Aqui o vento trazia!

No caminho do mosteiro,
Que no alto da serra havia,
Por taes horas cavalgada,
Que póde ser? Que seria?

Ás sanctas freiras agora
Ninguem a vêl-as iria,
Que nem depois do sol posto
Hão-de abrir a portaria.

E nos vultos, se vão homens,
Mulher com elles lá ia;
Alvas roupas lhe alvejavam
Quando o cavallo corria.

Eil-os que chegam á serra
Já noite, que mal se via,
E do mosteiro a sineta
Logo apressada tangia.

Quem vai agora ao mosteiro
Que no alto da serra havia?
Por taes horas cavalgada,
Que póde ser? Que seria?

A porta abriu-se e no adro
A luz de dentro luzia;
Fallam pouco, mas nas fallas
São pessoas de valia.

Que se o não foram, a porta,
De certo, já não se abria,
Nem vinha logo a porteira
Com luzes á portaria.

Fallam pouco, mas parece
Que alguem lá se despedia,
Abraça um vulto outro vulto,
Depois um entrar se via.

Ai! Jesus! maus pensamentos!
Valha-me a Virgem Maria!..
Mas isto assim, no mosteiro,
Qoe póde ser? Que seria?

No caminho cá por baixo,
Onde mais se distinguia,
Dos vultos que iam passando,
Mulher nenhuma já ia.

Freira tornada ao mosteiro,
Oh! ninguem o pensaria;
Noviça por estas horas,
Tambem ninguem o diria.

E de trás da serra a lua
Já pouco a pouco se erguia,
E o tropear dos cavallos
Agora ao longe se ouvia.

Que cavalgada esta fôra,
Quem n'isto não scismaria?!
Sancto mosteiro da serra!
Que póde ser? Que seria?

II

Da villa nos nobres paços,
Quem lá passar, ou lá fôr,
De dia, vê-os de festa,
Á noite, festa maior.

E n'esses paços vivia,
Vivia nobre Senhor;
Nem a villa o tem tão nobre,
Nem o reino o tem melhor.

Viuvo, a unica filha
Era-lhe o unico amor.
Tambem mais linda donzella
Não ha n'aquelle arredor.

Dona Dulce tinha uns olhos.
Tão negros e de tal côr,
Que quem os seus n'elles punha
Não podia c'o fulgor.

Tinha tão fartos cabellos;
Um rosto de tanto alvor;
Tinha tão airoso corpo,
Hastea formosa da flor;

Tinha tal mão e tal braço;
Tinha em tudo tal frescor;
Tinha na voz tal doçura;
Que era um anjo do Senhor!

Se taes olhos tardariam
A saber fallar d'amor!
Que o digam serões dos paços,
E os passeios ao sol pôr!

Que o diga quem tão de longe
Queimado n'aquelle ardor,
Todos os dias lá vinha,
Fizesse frio, ou calor.

Dize-o, dize-o, D. Fernando,
Cavalleiro e trovador,
Se aos pés lhe punhas as trovas,
Mais teu provado valor.

Depois dirás se queimavam,
Se tem gosto ou se tem dor.
Os olhos de D. Dulce,
Os olhos de negra côr.

E da villa os nobres paços,
Quem lá passar ou lá fôr,
De dia vê-os de festa,
Á noite festa maior.

Por que o pae de D. Dulce,
Que já não tem outro amôr,
Leu-lhe o amor d'ella nos olhos,
Leu-lh'o na face em rubor;

E noite e dia com festas,
Por que a escolha é de louvor,
Festeja-lhe a escolha, e espera
Festa de mais esplendor.

Que Dom Fernando, como elle.
É tambem nobre Senhor:
Nem ninguem nunca um ginete
Montára com mais primor.

Nas justas com firme lança
É bravo mantenedor,
Nas caçadas monteando,
Não ha melhor caçador.

E franco de gesto e fallas,
E dos annos no verdor,
E alto, gentil, robusto,
Cavalleiro, e trovador!

Por isso, nos nobres paços,
Quem lá passar, ou lá fôr,
De dia, vê-os de festa,
Á noite, festa maior.

III

Mas no mosteiro da serra
De dia o sino tocava,
Á noite tocava o sino,
E o côro todo resava.

Entre as freiras, mais sumida,
Uma que mais se curvava,
Tremia-lhe a voz nas rezas,
E dia e noite chorava.

Ás horas todas do côro
A triste nunca faltava,
E quando as outras sahiam,
Inda sosinha ficava.

Sosinha, e da Santa Virgem
Anciosa aos pés se sentava,
Mãos cruzadas, olhos fitos,
Como que á Virgem fallava.

E no frémito dos labios,
Onde a oração ciciava,
Par'cia que d'alma vinha,
Mas que a alma lhe cortava.

[illegible]

[illegible] sempre!

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Ai! nas suas, sem bonança,
A vida lhe naufragava;
Os olhos vão-lhe encovando,
A face já desbotava.

Magras mãos e magro peito,
De dia a dia, mirrhava;
Bella ainda, mas a febre,
Quem lhe tocasse, queimava.

Solitaria, e sempre as magoas,
Que eram quem na acompanhava;
Mágoas velava de dia,
De noite mágoas velava.

Pela grade vinha a lua,
No chão a grade estampava,
E ella, d'ao pé do leito,
Alli os olhos pregava.

Soluçando, ou como estatua,
Que ás vezes nem respirava;
Até que nascia a aurora,
Até que o sino acordava!

Em cada tarde somente,
Quando o sol já desmaiava,
Sempre á mesma hora a rodeira
Ao locutorio a chamava.

Um cavalleiro, já velho,
Com ella então conversava,
Mas com mais prantos que fallas,
E era ella que o confortava.

E vinha depois o sino,
Que logo ao côro chamava;
Cá fora o velho ia triste,
Lá dentro o côro resava.

E entre as freiras, mais sumida,
Uma que mais se curvava,
Tremia-lhe a voz nas resas,
E dia e noite chorava.

IV

Por fóra e dentro, nos paços
Da villa, a festa a brilhar,
E mais brilhante que nunca,
E nunca tanto folgar!

Os pagens todos, de gala,
Nos eirados a passar,
Donzellas e cavalleiros,
Do arredor, a chegar

Os festões pelas janellas
Branco e verde, a balouçar,
As charamellas festivas,
De espaço a espaço, a tocar.

E dos paços a capella
Aberta de par em par,
E ramalhetes e luzes,
E prata e ouro no altar.

E um padre alli revestido,
E vozes dentro a cantar;
E o povo que já lá vinha
Ver Dona Dulce casar.

E Dona Dulce mais linda,
Mais que nunca de encantar,
Entre o pae e D. Fernando
Já na capella a entrar.

E donas, donzellas, pagens,
Tudo atrás a acompanhar,
E a turba aos vivas, contente,
Em ondas por lá chegar.

E logo o padre a casal-os...
E logo a turba a afastar,
Um velho que á redea solta
Chegava a bom galopar!...

Rompe afoito, faz caminho,
Vae-se direito ao altar;
Eil-o ao pae de Dona Dulce,
Co'a mão no hombro a tocar.

Eil-o a face a Dom Fernando
Co'a mesma mão a apontar,
E Dom Fernando, que o olha,
Enfiado a descórar!

E o velho grita—«Assassino!
«Foste-me a filha matar;
«Venho-te á vóda co'as novas
«Da que tu juraste amar.

« Da que depois cá trocaste,
« Sem lhe ver o seu penar,
« Da que eu levei ao mosteiro,
« Onde quiz ir acabar.

« Da que eu mesmo agora, morta
« Lá vi á cova levar;
« E das mãos frias e atadas
« Fui este ramo tirar.

« Ramo que ainda aqui falta
« Entre os ramos desse altar,
« Flor de morte que te venha
« Esta festa perfumar.

« Flor que possas dar á noiva
« Por mais bella te ficar,
« Flor que a um pae cá lhe lembre
« A dor de um pae a chorar.

« Flor que vingue o que o velho
« Não pode, não, já vingar,
« Flor que seja remorso,
« Funda raiz a deitar.

«Flor, de noite e de dia,
«Sempre a morta a recordar,
«Sempre a dizer-te—*assassino*,
«Sempre vingança a bradar.

«Flor, que assim, qual amaste,
«O amor te veja pagar,
«Flor... ó filha!...» E o pranto
Veiu-lhe a falla cortar!

E tudo de roda ainda,
E tudo ainda a pasmar,
E Dona Dulce inda immovel,
E o pae ainda a escutar;

E Dom Fernando inda os olhos
Sem do chão os levantar,
E nas mãos a flor, que o velho
Lá lhe deixára ficar;

E já o velho na estrada
Galopa a bom galopar,
Em quanto se sente, ao longe,
Na serra o sino a dobrar!

Mas depois, por fora e dentro,
No paço a festa a brilhar,
E mais brilhante que nunca,
E nunca tanto folgar!

V

Tanto folgar dia e noite!
Tantos dias que já são!
Findavam dias e mezes,
Mas as festas essas não.

Ai! sempre nellas teus olhos,
Dona Dulce, que farão?
Por festas sempre, assim negros,
Nessas festas que dirão?

Olhos de dona ou donzella
O mesmo brilho, terão;
Mas tão livres?... D. Fernando,
Os teus olhos onde estão?

Olhos de pae, se os tens cegos,
Mais cegos inda serão;
Os delle andam já tão tristes,
Que em vez de olhar, chorarão.

Mas Dona Dulce nas festas
Traz de festa o coração,
Tral-o festivo nas galas,
Tral-o no rosto loução.

Nas danças, no riso alegre,
Na mais alegre canção,
No ramalhete de flores
Com que anda ás vezes na mão.

Nos jogos, e nos segredos
Dos jogos, que lindos são,
Segredos que não se dizem,
Porque a graça perderão.

Segredos que manda o jogo,
Quando mandar se dirão,
E talvez que d'alguns mesmo
Nem tudo se diga então!

E nisso folga, e nas festas
Traz de festa o coração;
Dona Dulce, esses teus olhos,
Nessas festas que farão?

Tantos mancebos de roda,
Tantas trovas que ahi vão,
E o trovador Dom Fernando
Sem nellas tomar a mão!

As trovas que dantes tinha,
Mudas agora serão?
Ou mudaste, e são já folhas
De rosa soltas no chão?

Tantos olhos a mirar-te!
Deus sabe que mirarão:
Tantos olhos que tu miras!
Deus sabe quem mira em vão.

Dona Dulce, esses teus olhos
Negros assim, como são,
Por estes jogos e festas,
Esses olhos que farão?

Olhos de dona ou donzella,
O mesmo brilho, terão;
Mas tão livres? Dom Fernando,
Os teus olhos onde estão?

VI

Mas no mosteiro da serra
De novo o sino dobrou,
Fazia um anno contado,
D'outro dobre que tocou.

Fazia um anno á mesma hora,
Dona Branca se finou,
Fazia um anno que a filha
Na cova o velho deixou.

Fazia um anno que o pranto
Na face della seccou,
Fazia um anno que o velho
De dia a dia chorou.

Fazia um anno que louco
Serra abaixo galopou,
Fazia um anno, que o ramo
Nas mãos á voda levou.

Agora em dia de exequias
Negra eça levantou;
De roda brandões accesos
C'os amigos que levou.

De roda côro de padres
O *de profundis* cantou,
Côro de freiras, e orgão
O canto lhe acompanhou.

Eis de repente na Egreja
Um velho correndo entrou,
E ao velho, que alli chorava,
Tambem chorando, abraçou.

« Vingado, lhe diz, vingado,
« Qual nunca ninguem ficou,
« Essas cans, a tua, ao menos,
« Só orfans della, as deixou!

« A minha... a minha... » (e a face
Do nobre senhor córou)
« A minha... dize-o... não posso... »
E o outro ao peito o chegou.

Ambos assim abraçados,
O pranto se misturou;
Filha! Filha! — ambos diziam,
E o sino ainda dobrou.

O sino só; tudo á volta,
Já tudo o mais se callou;
E a Egreja ficou deserta,
E em breve a noite chegou.

Cada qual da eça ao lado,
Cada qual ajoelhou,
E as resas que elles resavam,
Ninguem assim as resou.

Mas quando um diz—Dona Branca.
Nas preces que murmurou,
Sente-se um leve gemido,
Que ao pé da campa soou;

Quando o outro diz—Dona Dulce,
O nome lhe acompanhou
Rouco som de desespero,
Que lá da campa estallou.

Olharam... viram na campa,
Um vulto que se curvou,
Viram-lhe um ramo de flôres,
Viram que a pedra beijou.

E logo silencio e trevas,
Nem vulto nem som ficou;
Só na torre, compassado,
O sino ainda dobrou.

VII

Na villa os paços desertos,
Quem lá passava, ou lá ia,
Via-os de noite fechados,
Via-os fechados de dia.

Tanta festa ninguem sabe,
Que fim, por fim, levaria;
Viu-se ao cabo d'uma festa
Em tristezas a alegria.

Viram-se pagens correndo
Nos caminhos á porfia,
Viu-se o pae, viu-se o marido,
Que mais que todos corria.

Alguns disseram baixinho,
Que, se um pagem não mentia,
Dona Dulce... mas quem sabe?
Pois ella assim fugiria?!

Ninguem, ninguem lá na villa,
Ninguem nada mais sabia,
Marido e pae se voltaram,
A ella ninguem a via.

Mas se voltaram, partiram
Outra vez no mesmo dia,
E nunca mais até agora,
Mais noticias não havia.

E os paços sempre desertos,
Quem lá passava, ou lá ia,
Via-os de noite fechados,
Via-os fechados de dia.

No mosteiro, é que as exequias
O velho sempre fazia;
Mais um anno... e sobre a campa
Da pobre filha gemia.

Mais um anno, hora por hora,
E ás horas do fim do dia,
Mulher descalça, chorando,
Por serra acima subia.

Cabellos soltos, e as vestes
Rasgadas todas trazia,
Sustem-na ao andar um velho,
Que ella mal andar podia.

Eil-os que chegam á serra,
Já noite, que não se via,
E do mosteiro a sineta
Logo apressada tangia.

« Em que estado cá tornaste! »
Contam que o velho dizia;
E a porta abriu-se, e no adro
A luz de dentro luzia.

Fallam pouco, mas parece
Que alguem lá se despedia,
Depois a porta fechou-se,
E nem rumor se sentia.

Ai! Jesus! maus pensamentos!...
Valha-me a Virgem Maria!
Mas isto assim no mosteiro
Que póde ser? Que seria?

Cá por fóra, em pouco tempo,
Sómente uma voz corria,
Que naquellas sanctas freiras
Mais sancta agora uma havia.

Era vida para morte,
A vida que ella fazia,
Que das asp'ras penitencias
Pasmava quem nas ouvia.

Jejuns, cilicios, coitada,
Dormindo na terra fria,
Rasgava as carnes, e o sangue
C'o dos olhos lhe corria.

Ninguem lhe falla, nem sabe
D'onde ao mosteiro viria,
Mas do dia em que ella veiu,
Ser de mortes se diria;

Pois indo a abrir a porteira
De manhã a portaria,
Viu abraçados e mortos
Dois velhos... Virgem Maria!

Mas lá das festas da villa
Mais nada, ninguem sabia;
De noite os paços fechados,
Fechados tambem de dia.

Só as velhas, se fallavam
Nos festejos d'algum dia,
Fallavam logo na serra,
Mais n'um vulto que gemia;

Que andava á roda da Egreja
Ás horas do fim do dia,
E que nas mãos sobre o peito
Um ramo, sempre trazia.

XXXVIII

FLOR D'AMIZADE

Pedir viço á penedia,
Ao ramo sêco uma flor,
Pedir ao triste alegria,
Ao gelo pedir calor,
Pedir luz á treva escura,
E trevas á manhã pura,
E constancia á formosura,
Não é d'homem de razão;

Mais do que isto se descobre,
Que não é pedido nobre
Ao trovador, que é tão pobre,
Pedir mais que o coração.

O coração, se lh'o queres,
Com ambas as mãos t'o dá;
Não lh'o entendem as mulheres,
Só da amizade será;
E não lhe peças mais nada!
Se por ser tão mal fadada
Fôr a offerta desprezada,
Despreza o dono tambem;
Mas olha que mal despreza
O que engeita esta pobreza,
Pois dá mais do que a riqueza,
Quem dá tudo quanto tem.

XXXIX

O PROMETTIDO É DEVIDO

Tens a palavra empenhada,
Linda rosa, meu amor;
Agora, seja o que for,
Não te faças deslembrada.
Ao pé de mim assentada,
Quando essa queixa te fiz,
Que foi que então respondeste?
Que foi que tu prometteste?
Vê se a memoria t'o diz.

Não brinques c'o sentimento,
Tem dó do meu coração;
N'um riso não murches, não,
A flor, que no pensamento
Ousou vicejar então!

Foi promessa, foi, Maria;
Recorda o que eu te dizia,
E o que disseste tambem:
Eramos ambos na sala,
Sósinhos, sem mais ninguem,
Ambos baixo conversando,
Ambos d'amor a fallar,
Mas ambos, de quando em quando,
Com cuidado, a disfarçar,
Erguendo a voz de repente
N'uma palavra indiffrente,
Para outra sala enganar.
Eu, duvidoso, teimava,
Por que amor faz duvidar,
Quasi então te injuriava,
Mas era só por te amar,
Por que mais então te amava;
Não te lembras, dize, não,
O que tu disseste então,

Anjo do meu coração?
Não te lembras?—C'um sorriso,
Dos que só no paraiso
Os anjos sabem sorrir,
Teus olhos aos meus volvidos,
N'esse olhar tão confundidos,
Que, no doce confundir,
Eu já dos meus não sabia,
Que disseste então, Maria?
Agora, seja o que fôr,
Não fique a esp'rança baldada;
Linda rosa, meu amor,
Tens a palavra empenhada!

Pois que disseste? Olha bem;
Respondeste ao meu desejo:
Não n'o cuidaste, bem vejo,
Nem n'o ousava eu tambem;
Mas foi promessa d'um beijo,
Por mais que o queiras negar.
Eu na duvida a teimar,
E tu meiga a responder-me:
«Não hei-de agora offender-me,
«Tudo teu me agrada a mim;
«Da tua bocca...—dizias

Da minha bocca, não rias,
« Tudo, tudo, hei-de acceitar,
« Que tudo é bom, tudo quero.
Pois, dize, não foi assim?
Agora, Maria, espero,
Que tu não has-de faltar;
Não me has-de agora negar
Da promessa o cumprimento,
Por que tu n'esse momento
Déste a palavra em penhor;
Oh! não n'a deixes baldada,
Não n'a deixes empenhada,
Linda rosa, meu amor!

Dize, pois, dize depressa,
Tu has-de cumprir por fim;
Dize, cumpres a promessa?
Que respondes? Não ou sim?
Tudo, foi o que disseste,
E se tudo prometteste
Da minha bocca acceitar,
Deixa-te a bocca beijar:
Deixas?... Bem vês, n'esse tudo
Entra um beijo, has-de negar?
Mas vens-me a bocca tapar

Com tua mão?... pois serei mudo,
Prometto, *então*, não fallar
Por muito tempo em mais nada.
Deixa, pois, que o promettido
Tu bem sabes que é devido;
Deixas? deixa, ó rosa, ó flor,
Da minha alma namorada,
Deixa, meu anjo d'amor,
Não fique a esp'rança baldada!

XL

AS ALCACHOFRAS

Amor, dúvidas não soffras,
Que o remedio tens na mão;
Queima, queima as alcachofras,
Que ellas tudo te dirão.
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Por que has-de esp'ranças suaves
Ou perder ou ter em vão?
As alcachofras são chaves
De escondido coração.
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Queima, queima a fogo lento
Em louvor de São João;
Põe-nas depois ao relento,
Que é assim que fallarão.
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Na janella ou no telhado
Deixa-as ficar como estão,
E antes do sol ser nado
Vai consultal-as então.
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Não sei que vão as estrellas
Dizer-lhes com seu clarão,
Quem sabe se será dellas
Que os segredos saberão!
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Não sei, se vindo sedentas
Das fogueiras, beberão
Estas orvalhadas bentas,
Que lhes ponham tal condão!
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Quaes são, quaes são as floridas?
As tisnadas quantas são?
Quantas esp'ranças perdidas?
Quantas firmes ficarão?
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Ai! como esta é tisnada!
Mais negra do que um tição!
Malfadado, ou malfadada,
Que negros fados te dão!
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Esta agora mal aberta,
Traz d'amor pouca expressão;
Frouxa palavra ou incerta...!
Antes perder a illusão!
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Oh! esta sim, que é florida,
Esta viu-a São João;
Floreja vida na vida,
Amores, que vivos são.
Dizei, feiticeiras
Das santas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Mas eu, Elysa, não creio,
No que alcachofras dirão,
Nos teus olhos é que eu leio
O que vai no coração:
São mais feiticeiros,
São mais verdadeiros,
São mais chocalheiros
Do sim e do não.

XLI

UMA ILLUSÃO

I

Passou... desfez-se... como sonho rapido!
Engano lisongeiro, emfim, rasgou-se
No desengano da verdade amarga!
Esquiva luz brilhou, atravessando
As trevas de meus dias, por mostrar-me
O horror da escuridão!... Lá vai... sumiu-se!...
Cá ficamos nós sós, no ermo da vida,
Meu desgraçado coração...! Que importa?

O mundo é feito assim! Quantos sorrisos
Viste á sorte até hoje? Quantos viram
Os felizes da terra? É lei do alto!
As lagrimas ao homem foram dadas
Para contar por ellas cada passo,
Na distancia que vai do berço á campa!
Devia ser. Adelgaçou-se o vulto
Da risonha ficção... e, após, um sópro
Os restos dissipou...! Porque tão breve
No ardente imaginar me recendeste,
Mimosa flor de mentirosa esp'rança?!

II

Ai! flor, como eras formosa!
Tenho saudades!—Que mal
Ha já n'isto, se eras rosa,
Que desfolhou no rosal?!
Tambem é crime a saudade?
Tambem a razão persuade
A tolher a liberdade
N'isto mesmo ao coração?
Do que foi, do que não era,
Do que eu sonhei, da chimera.
Cuidei que, ao menos, podéra
Ter cá saudades... pois não?

Foi, bem sei, foi luz de estrella
Nas ondas a scintillar,
Veiu nuvem desfazel-a,
E ficou sem luz o mar;
Mais ainda: foi sómente
Delirio d'accesa mente,
Que uma sombra, de repente,
Mal desenha e vê correr;
Mas se essa visão foi linda,
Se, embora falsa, é já finda,
Não posso adoral-a ainda,
Ter pena de a já não ver?

Criei tudo! Fiz a imagem
D'um ser sem elle existir;
Fingi-lhe vida e linguagem
D'um já supposto sentir!
Namorado da pintura,
Juntei loucura a loucura,
E aos pés da aerea figura
Puz d'alma o riso e a dor;
Sem ver, sem ouvir, julgava,
Que era vivo o que eu pintava,
Que era ella que fallava,
Quando eu lhe dizia—amor.

Como com azas no templo
Os anjos pintados vi,
Com este anjo aquelle exemplo,
Enthusiasmado, segui;
Quiz-lhe azas... mas por dal-as
Ao meu anjo, por pintal-as,
Mal sabe onde fui buscal-as,
Onde as azas lhe estudei!
Da poesia essa aguia altiva,
Tomei-a nas mãos, captiva,
E, penna a penna, em dôr viva,
As azas nuas deixei!

Mais bella então me par'cia,
Mais fadada para amor;
N'aquellas azas, dizia,
Ha de levar-me onde for.
Vagaremos sem destino,
Dois sons casados n'um hymno,
Vivendo um viver divino,
N'um mundo... todo ideal;
Ambos livres lá seremos,
Lá, de encantados extremos,
Trocando as almas, teremos
Mil sonhos d'amor... sem mal!

Engano, engano! N'essa hora
Em que eu mais a acreditei,
Quando dos labios, agora,
Não sei que flor lhe invejei;
Quando o sangue me escaldava,
Quando a razão me deixava,
Quando mais me arrebatava,
Foi então.. tudo passou!
Cahiu-me a venda que eu tinha,
Era só illusão minha,
E por ter azas, sósinha,
Batendo as azas... voou!

III

Desappar'ceu veloz no ethereo espaço
Como pomba fugida...! E eu já nem tenho
Força sequer para enganar-me, ao menos,
Co'a illusão da illusão! Não acho n'alma,
Com que fingir nás horas scismadoras
Um simulacro vão da falsa imagem!
Levou-mo tudo... a phantasia... os sonhos...
Que nem posso sonhar... e só me deixa
Os espinhos da rosa, o dom funesto
De recordar-me sempre desse engano!
Não... oh! não... esquecia as rouxas flores,

Que da mão descuidada lhe caíram
Antes do vôo erguer, e que eu no seio,
Beijando-as, recolhi! Duas violetas,
Esmola do acaso... Embora! guardo-as;
Que teem na triste côr, a côr que veste
Meu pobre coração... e foram d'ella!

XLII

A BOA PORTA!

Atrás de cachopa bella,
Corria, doido por ella,
Nobre fidalgo, a dizer:
—Por teus olhos tão formosos,
Trago ha muito os meus chorosos,
Chorosos por te não vêr.

D'onde és? Não fujas, espéra,
Que eu palacio, e quintas déra,
E joias mil, que mil são,
E mais, se mais me pedias,
Fidalgas e fidalguias,
Tudo por teu coração.

Oh! diz-me d'elle o caminho,
Diz-me a que porta, sósinho,
Á noite, o meu hei-de pôr?...
—Quer lá ir? Pois olhe, veja,
Porta e caminho da Egreja,
Vê-se d'aqui, meu Senhor.

XLIII

A CAMELIA

Que flor, que trazes tão bella!
Mais formosa não ha, não!
É tão fina a alvura d'ella,
Que os olhos chegam a vêl-a,
Tendo tu a flor na mão!

Como o brilho jaspeado
Lhe resplandece, e sorri
N'este viço aveludado!...
E eu... perdôa, pasmado,
Vendo a flor... ao pé de ti!

Oh! mas nada de ciume,
Que o que tem para agradar,
Na belleza se resume;
Repara, não tem perfume,
Só póde aos olhos fallar.

E assim tambem a donzella
Que só belleza tiver;
Se a virtude falta n'ella,
Falta o perfume, é só bella,
Não para amar, para ver.

XLIV

BEM HAJAS!

Salvaste-me inda a tempo!... Ia perder-me!
Cego, louco, do encanto fascinado,
Resvalavam-me já de sobre as bordas
Do temeroso abysmo os pés mal firmes;
Sentia já baldado o ultimo esforço,
Inclinando-me atrás, abrindo os braços,
Na fugida razão fugido centro,
Por instincto a buscar; já me impellia
De fatal attracção a lei severa;

Ia todo a cair... quando risonha,
Debruçando-te um pouco, me estendeste
Do *teu alamo* um ramo, onde apegar-me!
Oh! bem hajas, mulher, foi inda a tempo!
Salvaste-me da queda; achei soccorro,
Na propria mão que á queda me levava,
D'onde me veiu o mal, veiu o remedio,
Embora amargo, embora; esse teu ramo
Da arvore da inconstancia suspendeu-me
Já nos ares do abysmo!... ai, Deus t'o pague;
Fizeste o que a razão fazer devia!

Mas não sabes o amor, com que eu te amava!
Hei-de agora dizer-t'o, e ri, se queres;
Que eu já rio tambem;
Se deixo vêr-te o coração, que enjeitas,
É por que d'esse amor, que elle antes tinha,
Já hoje nada tem.

Na vaidosa inconstancia atraiçoaste
Uma alma nobre, que, já morta ha muito,
Reviveu para ti;
D'homem-sepulchro levantaste vida,
Mas se outra vez lhe entregas frias cinzas,
Não se erguem mais d'alli!

Não, caprichosa, não, que, sempre ao lado
Do morto affecto, cada vez mais vivo,
O orgulho me ficou;
O orgulho, a minha força, arvore eterna,
Ou do bem ou do mal, que em pé, soberba,
Nunca o raio a tombou.

Floresce entre ruinas, e, por fructo,
Pendurando o despreso em cada ramo,
É de toda a estação;
Da desgraça ou ventura nunca o sôpro
Pôde o tronco vergar-lhe... á mão que o tenta
Cospe os fructos então!

Oh! mas amei-te, é verdade,
Amei-te com louco amor;
Como o preso a liberdade,
Como a abelha a tenra flor;
Vivia só da doçura
De beber essa luz pura,
Que nos teus olhos fulgura;
Vivia d'um riso teu;
Vêr-te sempre, noite, e dia,
Era a idéa que eu seguia,
E tudo o mais me esquecia,
Que nem já tinha outro céu.

Uma palavra bastava
Da tua bocca... era feliz;
Trazias-me esta alma escrava,
Escrava a teus pés a fiz;
Se roçava os teus vestidos,
Os affectos accendidos,
Ainda mais que os sentidos,
Queimavam-me o coração;
E dera as glorias do estudo,
Lyra, um throno, o mundo, tudo,
Por esse instante, em que mudo
Te apertei um dia a mão.

Quando depois, mais ditoso,
Em doce beijo colhi
Roseo botão melindroso,
Que nos teus labios sorri;
Quando os olhos fascinados,
Os meus nos teus affogados,
Não se fartavam, coitados,
D'esse encanto devorar...
Ai! então... impio, mas terno,
Disse—inveje-me o Eterno,
E abra agora do inferno
As portas de par a par.

Amei-te muito, e tu eras
Formosa com esse amor,
Eras linda das chimeras
Que em ti sabia compor;
Esse affecto engrandecia,
Co'as galas da phantasia,
C'os arrojos da poesia,
Quanto havia no teu ser;
Se appar'ceste, entre as mais bellas,
Rainha de todas ellas,
Sol que apagava as estrellas,
Do meu amor foi poder.

E eu quizera mais thesouros
Inda então para te dar,
Nem já prezava os meus louros,
Senão só por te agradar;
Gosava por ti sómente,
Só por ti é que eu, contente,
Alto erguia os sons e a mente,
Cantando como eu cantei;
Consagrava-te calado,
Muitas vezes ao teu lado,
Esse applauso desejado,
Que eu só por ti desejei!

Que amor aquelle! maldisse
Ter começado a existir,
Sem que de ti existisse,
Sem te ver n'alma florir;
Quizera contar os dias,
Só depois que me sorrias,
Só depois que tu dizias
Que eras minha, e minha só;
Ah! se eu podesse, n'essa hora,
O meu passado não fôra,
Só por que ao longe, lá fóra,
Nem lhe visse erguido o pó!

Mas de ti foi que a existencia,
Voltando á crença infantil,
Sentiu vir-lhe a florescencia,
Que traz ás plantas Abril;
Foste, ao menos, primavera
Ao triste arbusto, que eu era,
E das flores que tivera,
Só viste as folhas no chão;
As que eu te dei, tinham côres
Virgens, novas; eram flores,
Que espontaneas, e melhores,
Brotavam do coração.

Como eu te amei, só se ama,
Em toda a vida uma vez;
Era uma febre, uma chamma,
E era tambem timidez;
Se eras triste, entristecia,
Com teu sorriso sorria,
Só por teus olhos eu via,
Pensava com teu pensar;
Comtigo, á noite, sonhava,
De dia, se só me achava,
Horas inteiras levava
Em ti sómente a scismar!

Se olhava o mundo, no mundo
Não via senão a ti,
Aqui lyrio pudibundo,
Astro dos astros alli;
Eras na perla dos mares,
No perfume dos pomares,
Nas estatuas dos altares,
Na meiga lua sem véu;
Via em tudo a tua imagem,
Figura d'alva roupagem,
Solta nas azas da aragem,
Enchendo a terra e o céu.

Vergados, qual brando vime,
O meu dever e o porvir,
Nem já virtude nem crime
Eu sabia distinguir;
Amar-te, amar-te esquecido,
Amar-te louco e perdido,
N'esse amor estremecido,
Resumia o meu viver;
Mas ai de mim!... que loucura!
Enganou-me essa luz pura,
Que nos teus olhos fulgura:
Julguei-te anjo... eras mulher!

Mulher, que quizeste sómente ao teu carro,
Por simples capricho, atar-me e passar;
Mulher que contavas, qual vaso de barro,
Trazer-me de rastos, e ver-me quebrar!

Mas não, que, acordado do sonho formoso,
Córando da infamia d'um brinco ser só,
Quebrei as cadeias, ergui-me orgulhoso,
E olhando o teu carro... não vi senão pó!

Pois como? pensaste, que a fronte, onde o Eterno
Do lume divino reflexos foi pôr,
Aos pés te devia rolar n'esse inferno,
C'uma alma trahida, sem força na dôr?!

Faria da fronte, do peito, d'esta alma
Degraus ao teu throno, tapete aos teus pés,
Mas não sendo escravo, que tem só por palma
Servir-te aos triumphos... é muito, bem vês.

Mas não para ornar-te nas faceis conquistas,
No facil mercado do teu coração;
Mas não para dares a mil essas vistas,
Que eu minhas julgava, só minhas, então.

No theatro, no baile, no campo e cidade,
Anciando cortejos, não farta jámais,
A todos mentindo, quem, nobre, inda ha-de
Na turba involver-se de tantos rivaes?

Se desces tão baixo, como hei-de seguir-te?
Se tu te despresas, que hei-de eu respeitar?
Se, sendo a primeira, tu vais confundir-te
No vulgo das salas, que te hei-de eu amar?

Um peito vazio? Sorrisos cançados?
Palavras de todos? Venturas de cem?
Diadema sem brilho? Florões já quebrados?
Não quero: e, em breve, ninguem quer tambem.

Ousavas fallar-me do teu sacrificio,
Virtude immolada, por mim, só por mim?!
Mentiste; a fraqueza differe do vicio,
E vais d'elle perto, se corres assim.

Mas corre, se queres; eu não, que eu buscava
Amar, ser amado, vaidades sem ter;
E tu sem amares, a ti te bastava
Aos olhos do mundo pref'rida par'cer.

Vai, pois, que se eu, cego, não pude ver logo,
Que tu não podias c'o meu nobre amor,
Devi-te a ti mesma, depois, no teu jogo,
Que o pobre captivo se erguesse a senhor.

Bem hajas!... Era um louco atrás d'um sonho,
D'uma sombra impalpavel;—esquecia
Que a mulher é mulher, e que fadado
O poeta a soffrer só foi na terra!

A phantasia vã conheço agora,
Mas devia prevêl-a; entrei no mundo
Trazendo n'alma vaso d'innocencia,
De crenças cheio, d'illusões florido,
E vi depois o mundo andar-lhe á volta
Atirando com lôdo, e, ao cabo, um dia,
O vaso espedaçar!... Se inda nos restos
Me ficara escondida, em triste germen,
Uma rosa d'amor, que só bastara
Todo o universo a perfumar suave,
Ai... devia saber que a rosa vinha
Destinada a florir só dentro d'alma,
E lá dentro morrer!... ousou cá fóra
Debruçar-se, mostrando ignotas côres,
E o sol, que em raios lhe deu n'hastea a vida.
Desbotou-a, e passou sem comprehendel-a!
Mas foi melhor assim, bem hajas; posso
Sem remorsos viver: — ia levado
Na torrente caudal do enthusiasmo
A despenhar-me cego; repellia
Da fiel consciencia o grito agudo,
Que debalde me andou pungindo o seio:
Buscava escusas; inventava causas;
Torcia e sophismava as leis mais sanctas;
Era um reprobo quasi... eis tu vieste
Desvendar-me, e, por entre bravas ondas,
Por entre selva de eriçadas syrtes,

Á praia conduzir-me, onde repoiso
Do naufragio fatal, emfim, já salvo!

Não esp'ravas talvez, que assim do peito
Arrancasse este amor;
Tão profundo e sincero, creste-o feito
Para viver da dor;
E a dor matou-o, que, na dor, o insulto
Deshonrava-lhe a vida... e jaz sepulto!

Uns homens ha, que, na paixão ardente,
Immolam tudo seu,
Menos a propria estima; e, felizmente,
D'esses homens sou eu:
Sou, que de tudo o que no mundo prézo,
Prézo mais não mer'cer o meu desprezo.

XLV

ENTRE FERRO NASCE OURO

Tange os folles á fornalha,
Ferreiro, tange-lh'os bem;
Se o ferro vermelho vem,
Alça o malho, malha, malha:
E vá puxado do ar
Com duas voltas primeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Torna a pôr o ferro em braza,
Venha o malho a retenir;
Torna a ir e torna a vir,
Arda em centelhas a casa;
Malha, e súa a bom suar,
Faz d'agua e ferro dinheiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Lidas, lidas, e, já rôxo,
Já negro como um carvão,
Muita lida e pouco pão
Tiras d'ahi, velho e côxo;
Mas toca, toca a lidar,
Que é só teu braço o rendeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

A filha, ao menos, coitado,
A filha que te ficou,
Ha-de alvejar, alvejou,
Em tanto carvão queimado;
Anda, pois, vai aviar
A ferramenta ao canteiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

A forja e bigorna em fogo,
Do inferno lembranças dá,
Tambem o céu lembrará
A filha, nos olhos, logo;
Malha, volta, has-de formar
Cabeça a esse ponteiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Mas cautella, que não sejam
Dois infernos, por teu mal,
Ás vezes mais infernal,
Uns olhos, fogo chammejam;
Vê se acabas de calçar
A enxó do carpinteiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Vulcano, raios aos molhos
Ia forjando por si,
Não t'os vá a filha a ti
Forjando talvez nos olhos;
Rijo, mais, desenganar,
Dá-me esses golpes certeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Do tal amigo tens sina
Na arte e perna, e basta bem,
Que te não forjem tambem
Uma Venus da menina;
Agora mais de vagar;
Que o ferro está mais tenreiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Tu cá dentro c'o trabalho,
A filha á porta a coser,
Deus sabe se te has-de ver
Entre a bigorna e o malho;
Vamos, malha, sem parar,
Brando, brando, mas ligeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Olha bem que são mulheres,
Um militar lá entrou,
Tens Marte em casa, não dou,
Que não faça pé d'alferes;
Malha, malha, por temp'rar
A espada d'esse guerreiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Admiro que tu nem cara
Lhe faças, como quem és!
Ficas peior que dos pés,
Se a cabeça manquejara;
Malha, mas sem cá deixar
Ir pela malha o frecheiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

A um vizinho valeste
N'um descuido menos máu,
Em casa espeto de páu
Não digam que tu tiveste;
Malha, mas has-de malhar
Sendo pae e sendo obreiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Não forjes c'os olhos cegos,
Que outros olhos cega amor;
Pregos pede esse Senhor,
Não t'a pregue elle c'os pregos;
Malha, mas sem se tornar
Malleavel o braceiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Ah! tu ris?... então se eu érro,
O militar é que errou;
Em ferro frio malhou,
Leva só pregos, e *ferro!*
Á filha soubeste dar,
Na virtude, bom olheiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Tens Deus por ti a forjar.

Tens Deus por ti;—antes pobre,
Que rico sem honra ter,
Honra e trabalho hão-de ser
Teus pergaminhos de nobre;
Malha, que te ha-de ajudar,
Quem na Cruz te fez herdeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Tens Deus por ti a forjar.

XLVI

OS CRAVOS

Tanto cravo, donzella, que é isto?
Sem colher, sem levar outra flor?
É teu ramo d'amores registo,
Ou mil copias, mas só d'um amor?

Se por tantos, donzella, repartes,
O que a um só, se bastara, não sei,
Põe no engano, ao menos, taes artes,
Que se esqueçam, do que eu me lembrei.

Vendo um cravo sómente ao teu peito,
Cada qual para si tomará,
Que a vaidade, por dentro, de geito,
Em teu proprio favor fallará.

Se, porém, nos mil cravos me dizes,
Que repetes a mesma affeição,
Ou que colhes nos varios matizes
Uma imagem feição por feição;

Eu direi, são de mais, não quizera
Nem c'os zelos poder duvidar,
Nem saber que o amor só podera
Por pedaços assim retratar.

Tanto cravo, donzella, eu insisto,
É de mais, seja lá como fôr;
Se com tres já pregaram a Christo,
A seus filhos não faças peior!

XLVII

NÃO É SINGULAR

Não tens razão, meu amigo;
Fui ao baile, e mal cheguei,
Conforme o ajuste comtigo,
De sala em sala a busquei;
Vi-a, e fiz-me sentinella,
Que, do vão d'uma janella,
Ou, se dançava, atrás d'ella,
Eu nunca mais a larguei.

Vi bem tudo; e agora attesto,
Que és tu que não tens razão;
Singular?!... Nada; protesto;
Palavra d'honra que não.
Singular, só porque dança
Para ouvir, na contradança,
Segredos, que teem esp'rança
D'algum aperto de mão?!

Singular, porque é da moda
Nos vestidos de dançar
Sobejar sempre na roda,
Sempre no corpo faltar?!
Singular, e condemnal-a,
Porque os olhos, com que falla,
Andam sempre pela sala
Outros olhos a encontrar?!

Singular, porque se salta
Na walsa, tal graça tem,
Que fica a sáia mais alta,
Do que tu dizes que é bem?!
Porque anda alli abraçada,
Como em festão pendurada,
E co'a cabeça poisada
Nos hombros d'elles tambem?!

Nada, não, amigo, insisto,
Não tens razão; ora, qual?
Não digas mais que tudo isto
É singular; não ha tal;
Singular?! Eu comparei-a,
Aqui, além, estudei-a,
E posso dizer-te, achei-a,
Achei-a sempre em plural

XLVIII

ANJO, VI-TE!

Anjo, vi-te!... Ergueu-se o véu,
Que te escondia!
Vi-te, aurora do meu céu,
Que ao céu pedia!
Vi-te, e da vida no mar
Vi nas aguas florejar,
E minha alma repassar,
Nova poesia!

Teus olhos formosos vi,
Fulgindo escuros;
Queimavam, mas eu bebi
Seus raios puros;
E na doce embriaguez
Ando perdido, talvez,
N'estes passos que tu vês
Tão mal seguros.

Vi tua face descahir
No braço liso;
Vi teus labios entre abrir
N'um teu sorriso;
E ao ver-te a ardencia da côr,
Ao ver sorrir essa flor,
Vi, n'um desejo d'amor,
O Paraizo!

De teus cabellos pender
Vi aura leve,
E a violeta a recender
Invejas teve;
Vi roseo branco botão
Córar de tua insenção,
Quando ao peito o poz tua mão
Tão linda e breve!

Vi-te, e amei-te... mas não ha
Um crime n'isto...
Por te amar?! Então será
Por te ter visto!
Não, não póde ser tambem,
Que os olhos culpa não tem,
Se a luz do sol cá lhes vem
Dizer—existo.

Anjo, vi-te!... Agora o véu,
Que te escondia,
Não me esconde aquelle céu,
Que em sonhos via.
Hei-de viver de te amar,
E tu da vida no mar
Has-de-me sempre inspirar,
Nova poesia.

XLIX

ELHA POR ELHA

Mais florído que um palmito,
Rosado, pimpão, bonito,
Vinha o senhor Manuel,
Noiva ao lado, o peito em braza,
E com ella para casa
Em doce lua de mel.

Fidalgo, de que é rendeiro,
Mal que o lá viu no terreiro,
Foi-lhe por perto passar,
E sem mais guar-te, nem pejo,
Á noiva furta-lhe um beijo,
E o beijo fêl-a córar.

O pobre esfregava um olho,
E carregava o sobrolho,
Como quem diz—não gostei;
Diz-lhe o fidalgo—da renda
D'aquella boa fazenda
Esta escriptura lavrei.

Correram dias, e um dia
Vinha, com toda a alegria,
Da egreja a casa tambem
O fidalgo e a fidalguinha,
Noiva d'elle, e ella tinha
Uns olhos como ninguem.

Sem mais tir-te, se não quando,
Já mesmo a casa chegando,
Sente-se um beijo estalar...
—Olá, Manuel, endoidece?
—Não, senhor; se lhe parece...
Venho-lhe a renda pagar.

L

FLOR POR FRUCTO

Não tenho joias de preço,
Nem tu lhes deras apreço,
Como prenda festival,
Se, em vez de affecto, só ouro,
Se, em vez do peito, um thesouro
Te trouxesse em teu natal.

As mãos vazias de offertas
Vem mais seguras e abertas
Apertar a amiga mão,
E o grato fervor do pobre
Não é talvez menos nobre,
Tendo inteira a obrigação.

Diminúa-a quem lhe pésa,
Que, quem, como eu, tanto a préza,
Quer conservar-lhe o valor!
Dou-te só desejos vivos,
Porque os ramos mais festivos
Não trazem fructo, mas flor.

Essa, sim, e branca e pura,
Com todo o viço e frescura,
Recendente e virginal,
Essa sim, a flor d'esta alma,
Venho offrecer-t'a por palma
No dia do teu natal.

LI

O TRAVESSEIRO

Elysa, o teu travesseiro,
Teu confidente primeiro,
Que lindo que deve ser!
Ai! quem me dera saber
O que elle sabe em segredo,
O que lhe dizes, sem medo
De que elle o venha a dizer!

Quizera ouvir-te as conversas,
As confidencias diversas,
Que lhe fazes ao deitar;
Quizera alli escutar,
O que diz ao teu ouvido,
E o pensamento despido,
Que lhe dás ao acordar!

Da tua alma as alegrias,
As esp'ranças de teus dias,
Receios, a propria dor,
Quando dos olhos á flor,
Como orvalho em lyrio bello,
Vem teu pranto, e em teu cabello
Cahe com tremulo fulgor!

Que coisas o travesseiro,
Talvez então conselheiro,
Que coisas te não dirá!?
Se mais fôfo se fará
Por vaidade e por lisonja?!
Cofre ao riso, ao pranto esponja,
Mais doce te par'cerá!

Mas branco, branco de neve,
Por dentro de pluma leve,
Alto á vista, brando á mão,

Com rendas na guarnição,
Co'a cambraia em fitas preza,
Se não tem outra belleza,
Não te prendas d'essa, não.

Elysa, o teu travesseiro,
Para ser bom conselheiro,
Taes galas escusa bem;
Elysa, as galas que tem
Podem não ser de innocencia,
Busca ter na consciencia
Um melhor do que ninguem.

LII

SITIT ET UNDA!

Vem, vem; olha a lua,
Que já, toda nua,
Nas aguas fluctua
Com doce pallor.

Vem, vem; branda aragem
Despiu-lhe a roupagem,
E beija-lhe a imagem
Das aguas á flor.

Despida, como ella,
Mais pura, mais bella.
Vem tu, ó donzella,
Matar o calor.

Tambem já sem pejos,
Fartando desejos,
Verás quantos beijos,
E quantos, d'amor!

Vem, vem, d'essa fragua,
Sem susto, sem magua,
Atira-te á agua,
Verás que frescôr.

Verás que te cinge,
C'uns braços que finge;
Verás que te tinge,
Depois em rubor.

Verás que te emballa,
Te eleva, te falla,
E perlas de gala
Te chove, em louvor.

Verás que percebe,
Se doida se embebe
De ti, que em ti bebe
Da vida o ardor.

Vem, vem, que te ancêa,
Soluça e serpea,
De rastos na area
Por dar-lhe fulgor.

Vem, vem, que te ama,
Te espera, te chama,
Fervendo na rama,
Que aos pés te foi pôr.

E sabe, coitada,
Que se é comparada,
Lhe fica humilhada
A limpida côr!

E sabe que o rastro
Da luz do seu astro,
No teu alabastro
Se imprime melhor!

E sabe que aos bellos
Teus finos cabellos,
A briza, por vêl-os,
Se prende ao redor!

E sabe que á vargem,
Ás flores do almargem,
Não vai mais, á margem,
Buscar-lhes o odôr!

E sabe que, embora
Curvado até agora,
Se o ramo a namora,
Namora-te o alvor!

E sabe que, ou graves,
Festivas, suaves,
Ou tristes, nas aves
Não tem mais cantor!

E sabe que ao rogo
Se cedes, vê logo
Que a sécca o meu fogo,
Que é já queimador!

Oh! sabe, e murmura,
E os pés te procura,
E da formosura
Te pede o sabor!

Tão sofrega o pede,
Que até te concede
Que ter a agua sede
Se possa suppor!

LIII

O RETRATO

Bem vejo: fiel, exacto,
Faz a gloria do pintor;
Mas não quero esse retrato,
Por que eu tenho outro melhor.
Vejo aqui teus olhos bellos,
Tua bocca, teus cabellos,
Teu collo, teu braço e mão,
Vejo, mas vejo que em tudo,
Por mais que as tintas lhe estudo,
Ha sempre a mesma expressão.

De ti longe, quero ver-te
Como estando ao pé de ti,
Quero as mil graças colher-te,
Não uma só, como aqui;
Sei d'este gesto o attractivo,
Falta, porém, successivo
O ferver do teu crisol;
Tu, seguindo o pensamento,
Pões, de momento a momento,
Um novo raio no sol.

Quero ver-te ora a belleza
Da tua bocca a sorrir,
Ora a suave tristeza
Nos teus olhos reflectir;
Aqui, meiga em teus agrados;
Alli, n'uns brandos enfados,
Mais formosa que ninguem;
Agora, exprimindo anhelos,
Logo, raivosa com zelos,
Depois, chorosa tambem.

Quero ver-te irada, affavel,
Grata, ingrata, em riso, em dôr,
Qual és na luz variavel
De teu constante fulgor;
Quero-te ao pianno; á janella

Fitando á noite uma estrella;
No baile; a ler; a resar;
Sentada; em pé; encostada;
D'esta côr, d'aquella ornada;
Ora ouvindo; ora a fallar!

Tal te quero; e retratar-te
Não sabe ninguem assim;
Já vês o que póde a arte,
Isto é pouco para mim.
Por lembrar-me?—não preciso,
Pódes tirar-me o juizo,
Mas a memoria, essa, não;
Não quero, pois, o retrato;
Tenho melhor, mais exacto,
Tenho-o no meu coração.

LIV

FLORES DE LUZ

Sumiu-se o sol no horizonte,
E do monte
As sombras caindo vem;
Já toldam de todo a selva,
Ja na relva,
Lentas, desdobram tambem.

A distante branca aldêa
Mal branquêa,
Que a luz lhe foge co'a côr;
E prega a prega a cortina,
Na campina,
Vae levando flor a flor.

O rio na arêa lisa
Se deslisa,
Livre das rugas do sul;
Mas já nas aguas de prata
Não retrata
Do céu o límpido azul.

Ave, que já se não alça,
Pela balsa
Fugitiva se escondeu;
Do dia o som multiforme
Calla e dorme,
E agora só falla o céu.

Por este silencio amigo,
Vem comigo,
Amor, que amor te conduz;
Vem, que, se gostas de flores,
As melhores
São estas flores de luz.

Á beira d'agua sentados,
Sem cuidados,
Temos o céu por jardim;
Teu braço meu corpo enlace,
Poisa a face
No meu hombro agora, assim.

Olha esta rosada estrella,
Que é tão bella
C'o as chammas a florejar!...
Quando viste mais formosa
Uma rosa
No teu jardim vicejar?

N'aquella que alli descubro
Como rubro
Lhe scintilla o fogo a arder!
Quem taes cravos póde dar-te
Como *Marte*,
Acceso assim, por te ver?

Cuidou talvez que eras *Venus*,
Por que menos
Do que tu brilhando está.
Teus olhos vencem seu lume,
E o ciume
Pallida agora a fez lá!

Aqui *Jupiter* a frente
Traz luzente
Co'a regia c'roa a fulgir;
E se outr'ora em chuva d'ouro,
Cisne ou touro,
Sabia, amante, cá vir;

Agora em doces desmaios,
Quebra os raios
N'estas aguas como vês,
E com tremulos fulgores
Vem, d'amores
Perdido, cair-te aos pés.

Gosa d'estas flores, que amam,
Que derramam
Fogos de vario matiz;
Das terreas flores, por bellas,
Que flor d'ellas
O que estas dizem te diz?

Compara lyrios, ranunculos,
Aos carbunculos
Que te namoram além;
Compara todas, que ainda
Na mais linda
Não vês a côr que estas teem.

Se das outras te toucaste,
Se gosaste
Recendente, grato odor,
Se por symbolos te dizem,
Te predizem
Esp'ranças, saudade, amor;

De muitas d'estas, *Apollo*
No teu collo
Perlas de luz te choveu,
E, saudoso, te sospira
N'essa *Lyra*,
Que vês suspensa no ceu!

Aquellas tecem-te *Cróa*,
Esta vôa
Por mais perto te mirar;
Outras em *Barca* se agoitam
E te espreitam
O *Norte*, por te levar!

E a luz de todas não lança
Mais esp'rança?
Mais scismadora impressão?
Mais puro amor não te accende?
Não te prende
Mais suave o coração?

E não lhe ouviste a harmonia,
Que sahia
De entre as espheras, a fluz?
Oh! estas sim, que são flores
Para amores;
Oh! estas flores dão luz!

E luz tal que o mundo, ao vêl-as,
Só por ellas
Crêra em Deus, mostrando os céus,
Se essa luz de que é composto
O teu rosto
Melhor não mostrasse Deus!

Mas, tão breve, a noite de hoje,
Como foge!
Tão linda noite d'Abril!
A aurora, na immensa plaga,
Já lhe apaga
As flores a mil e mil.

Que importa? As que ella trouxera
Primavera
Uma vez no anno as dá;
As de luz, se ora escurecem,
Reverdecem,
Cada noite outra vez lá.

Vai, pois, e o dia se coite, *
Por que a noite
Com ellas te traga aqui;
Volta, que as vês renascidas,
Mais florídas,
E eu vejo todas em ti!

* Se apresse.

LV

O ESPELHO

Quebra, quebra esse vidro; é conselho
Que um amigo sincero te dá;
Que procuras saber no espelho?
Ou que cuidas que o espelho dirá?

Se amorosa, modesta, singella,
Só por mim o vais tu consultar,
Nos meus olhos verás como és bella,
Nos meus olhos te pódes mirar.

Se o conservas, remedio d'enganos,
Por limpal-o inda um dia sem dó,
Vale mais do que taes desenganos
Ter o espelho de dentro sem pó.

Esse sim; mas o outro, a verdade
Raras vezes costuma dizer.
Ou, se a diz, logo a sabe a vaidade,
Mesmo aos velhos, com arte esconder.

Já uma velha, bem feia, na rua
Um pedaço de espelho apanhou,
Viu-se, e ao ver a verdade tão nua,
Larga o vidro, e, andando, rosnou:

«Não podias ser bom, nem cá fôra
«Te deitavam se fosses melhor;
«É sabido, em espelhos d'agora,
«Ninguem póde seus olhos já pôr.

LVI

O ADEUS DO RECRUTA

Cá me fizeram soldado,
Amor do meu coração,
Não te esqueças de mim, não,
Por andar longe, coitado!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Vou á guerra, e tu, Maria
Na aldêa, tu, que farás?
Se esses olhos guardarás
Para m'os dares um dia?!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Bem sabes como perdidos
São meus olhos pelos teus,
Que nem sei quaes são os meus
Quando se olham confundidos.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra,
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Pergunta, bem perguntado,
Se te eu quero bem ou não,

Ás pedras do teu balcão,
Ás telhas do teu telhado!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Fui pobre folha caída
Que na cheia amor levou,
E n'um remanso deixou
Á tua porta detida.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus, minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Ao sol dizia, no monte,
Que não tornasse a nascer,
Que vinha o sol cá fazer
Tendo-te eu alli defronte?!

Ai, amor,
O tambor,
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Á noite, quando fiavas,
Dizia, ao ver-te fiar:
Fosse eu linho! por te dar
Os beijos que tu lhe davas!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Agora ás costas a farda,
Agora esquerda volver,
Agora, marchar, e ter
Só por amante a espingarda!
Ai, amor,
O tambor

Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Agora sangue e batalha,
Matar ou morrer por lá,
E o corpo á valla me irá
Sem ter, ao menos mortalha.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Mas se eu voltar, que te veja
Logo de longe acenar,
E vai, depois, vai-me esp'rar,
Mais um padre, ao pé da Egreja.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,

Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

E se na guerra, Maria,
Uma balla me dér fim,
Reza cá, reza por mim,
Reza uma vez cada dia.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

LVII

O BASTIDOR

Gósto, Elysa, de assim ver-te
Assentada ao bastidor,
Que a ociosidade perverte,
E cança mais, e peior;
Borda, imita a linda flor,
Mistura os fios na tella,
Que se a obra te sae bella,
Bella te faz o lavor.

Bella sim, que te conserva
Das bellezas a melhor,
Tua innocencia preserva,
Guarda n'alma a casta flor;
E, guardada, em quanto a côr
Vais d'outra flor matizando,
O teu anjo vai bordando
Tambem n'outro bastidor.

Borda-te os dias serenos
Sem terem fios da dor,
Fal-os correr mais pequenos,
E sempre c'o mesmo alvor;
Porque os dias com lavor
São como o poço batido,
Que é um espelho polido,
E tem n'agua outro sabor.

Elysa, Elysa, o trabalho
Se é castigo, é d'amor,
Na agulha, na penna ou malho,
Dá bens, e honra, e vigor,
Guarda, Elysa, a casta flor,
E por que o vicio a não mude
De sentinella á virtude
Põe sempre o teu bastidor.

LVIII

A FLOR DA LARANJEIRA

Bella, candida flor da laranjeira,
Quem te não ama a graciosa fórma,
A pura e nivea côr, a suavidade
De teu perfume embalsamando os ares;
E a meiga inspiração d'amores castos,
Que em ti bebem os olhos, quando, á tarde,

Te contemplam, depois da fresca réga,
Com mais alvas estrellas esmaltando
O verde escuro das lustrosas folhas
De tua gentil arvore, que pende
Carregada de ti, e, ao mesmo tempo,
Dos aureos fructos que de ti nasceram?!
Quem no mundo, que peito te não ama,
Bella, candida flor da laranjeira?!

Quem não sente alegria ao ver sorrir-te
De longe no pomar; quem não respira
Melhor então as matutinas auras;
Quem não scisma comtigo em mago enlevo
De esp'rança ou de saudade, quem já pôde
Por noite de luar sentir-te ou ver-te,
Sem da janella conversar comtigo
Em intimos segredos, que se dizem,
Ás vezes, n'um suspiro involuntario?
Quem te não ama no pomar, na jarra,
Na grinalda, no altar, de dia, á noite,
Quer botão, quer aberta, em tudo, e sempre?
Quem no mundo, que peito te não ama,
Bella, candida flor da laranjeira?!

Eu por mim quero-te d'alma,
Quero-te muito, alva flor,
Como a donzella que a palma
Em ti vê do seu amor;
Da innocencia tens a côr,
Da virtude a singelleza;
No aroma e na belleza
Levantas a idéa aos céus;
E, levando o amor que encerra,
No thuribulo da terra
És incenso para Deus!

Quero-te quando fechada
Ainda em tenro botão,
Quando já desabrochada,
E quando solta no chão;
Fallas sempre ao coração,
Na graça, no odor, no corte,
Na tua vida, na tua morte,
Nos fructos lindos, que vem,
Côr de esp'rança, do teu seio,
Depois, dos olhos recreio,
Na dourada côr que tem.

Tu prendes-me o pensamento
Á modestia do teu ser,
Que em ti alto nascimento

Não t'a faz nunca perder;
Quando te vejo descer
A alastrar em torno a relva,
Comparo o orgulho da selva,
Quando o machado a tombou,
Faz-lhe o int'resse sepultura,
De ti a memoria pura
Ornando a terra ficou.

Quero-te muito, florinha,
Que longe do céu natal
Tu para seres mais minha
Amas o meu Portugal;
És na c'rôa virginal
A gloria da desposada,
És sempre a flor invejada,
És sempre a bem vinda flor;
Quero-te, pois, muito d'alma,
Como a donzella que a palma
Em ti vê do seu amor.

Oh! quantas horas de remanso doce
No descuido da vida, ou afogando
Tambem cuidados d'ella, me hei ficado
A meditar, d'um laranjal á sombra,

Co'a vista preza á flor! Oh! quantas vezes
Lhe perguntei por Deus e pelos homens,
Adorando o Senhor nas obras suas,
Ou gemendo, com estes, das miserias
Cá da mesquinha terra! Em tuas folhas,
Branca flor, ia lendo, como em livro
Singello e verdadeiro! Venham, venham
Das cidades aqui, ao prado, ao monte,
Á clareira do bosque, ao valle, ao rio,
Em ti, ou n'outra flor, na propria hervinha,
Venham felizes, desgraçados, todos,
Todos os lá do mundo pôr os olhos,
E avisos buscar, lições, conforto,
Aspirações do céu, e desenganos!

Porque ha-de a terra, o mar, o céu, o mundo
Fallar tão alto, e tão pouco ouvir-se?!
Não sei por que incessante não folhêa
O homem n'este livro, aberto sempre!
Uma flor, uma folha, um só insecto,
Que montão de pasmosas maravilhas,
Que fundos pensamentos não desperta!
N'este hymno universal, em que entram côres,
E perfumes, e sons, e fórmas varias,
E movimento e vida, e toda a obra

Da immensa creação, a voz do homem
Deve ser a primeira a erguer louvores,
E sua vista a colher, em quanto o cerca,
As lições que Deus poz;—aprenda em tudo
A temer ou amar, e crer no Eterno!

«»

E eu, Senhor, aprendo; e como a abelha
Tambem quero da flor encher meus favos;
Nem a lyra, e a voz, e a mente viva
Da tua imagem, ó Deus! onde sopraste
Fulgurante centelha do teu lume,
Ha-de menos saber que o louro insecto
No occulto lavor do mel, que extrahe
Em seus incertos, inconstantes vôos!
Louvo-te, pois, Senhor, e creio e amo,
Amando a linda flor, e, ao vêl-a, penso
Nas vaidades da terra, nas esp'ranças,
Tantas vezes mentidas, nos amores,
Em que um peito não ha que, cedo ou tarde,
Na dor, na saciedade, ou nos desejos,
Não se sinta vazio e lacerado;
Porque a alma, librando-se nas azas
D'essa essencia immortal que lhe tu déste,
Mais altas regiões suspira sempre!

«»

Ai! vaidades! ai! quantas, florinha,
Tens tu visto, levada ao festim?!
E a donzella do baile rainha,
Onde está? Que foi d'ella por fim?

Tantas graças, que crê que te exorna!
Tão formosa, que nem te invejou!...
Mas o tempo, que foge e não torna,
D'essas graças depois que deixou?

Viste-a bella uma hora, reinava;
Tinha aos pés mais de mil corações;
Nem os via... no espelho adorava
Uma a uma suas lindas feições.

Mais rasgados, mais negros, mais bellos,
Nenhuns olhos, suppõe que não ha;
Nem mais finos, lustrosos cabellos
Outra flor como tu vira já.

O rosado alvo rosto, no escuro
Da moldura c'roada por ti,
Diz-lhe que é como estrella em céu puro,
Quando n'agua se mira e sorri.

O seu collo de garça, inclinado,
Como a haste que o lyrio sustem,

Cuida vêl-o de si namorado,
Ou que espreita outros mimos que tem.

Olha as perlas que os labios descobrem,
Olha o braço de neve, olha a mão,
Olha o pé, que metade lhe encobrem
Finas sedas, roçando no chão!

Mas taes graças e tantas, florinha,
Onde foram, depois do festim?
A donzella do baile rainha,
Onde está? Que foi d'ella por fim?

Onde?... Onde vai tudo... No sepulchro!
Volteava alegre alli uma hora antes
Na loucura da walsa; espanejava
Bem alto as saias, descobrindo rendas,
Rendas e mais ainda; quiz-se noiva
Por diamantes, e ouro, e luxo, e pompas,
Por fazer-se invejada, e co'as invejas
Matar vinte rivaes; co'a planta altiva
Arredou corações, que em puro fogo
Se lhe foram render, onde escolhesse;
Não escolheu um só, escolheu todos,
Mas por escravos vís atrás do carro
Da vaidade, em triumpho; e foi vender-se

Sem pejo e sem amor!... Vereis agora,
Cuidava então, vereis como sou bella,
Entre o fausto a brilhar, mais que nenhuma;
Vereis que vida levo deslumbrante,
Que joias, que caprichos, que prazeres,
Que de incenso perenne em meus altares,
Que dias de ventura, quantas noites
Ostentando a belleza, e em torno d'ella
Os hymnos de louvor!... Oh! como é doce
Viver, viver assim, contar as victimas
Que farão cada hora os meus encantos,
E que me hão-de adorar inda os desprezos!...
Insensata! sómente não contaste
Quantos passos irão do baile á campa!

Inda a fronte em suor lhe gotejava
Logo depois da dança; arfava ainda
Sob as gallas o peito; inda fulgiam
Nos braços e no collo os diamantes;
Inda da branca flor da laranjeira
Tinha a viçosa c'rôa preza ás tranças;
E no vasto pateo d'um palacio d'ouro
Rodavam cem carroças, porque o baile
Apenas acabara;—eil-a que subito
Nos felpudos tapetes matizados

Cae de chofre, sem côr, sem movimento,
Morta, morta de todo, como f'rida
De repentino raio, e a fronte roça
Os pés do leito nupcial... viuvo!
Nem viu murchar a flor, colhida ha pouco
Para o feliz noivado! Foi capella
Da noiva do sepulchro... e os aureos sonhos
Lá vão esvaecidos como sombra,
Fugitiva ante a luz!... Comigo, ao menos
Dá teus prantos, ó flor, á bella extincta,
Que ninguem mais lh'os deu... o proprio esposo,
Tão vaidoso como ella, só mercára
Um adorno de mais n'essa belleza;
Buscou outro depois; e sob a lousa,
Ninguem mais fallou d'ella, por que a pedra
Tem outra inda por cima—o esquecimento!

Nem epitaphio! derradeiro arranco,
Ultimo abraço da vaidade a si!
Que inda de dentro do sepulchro branco
Falla do pó que se estremára alli!

Nem isso teve! E se a donzella em vida
Lição tomasse da ignorada flor,
Bella e modesta, da missão cumprida
Deixara um echo, e talvez d'amor!

Veria o pouco de que ter vaidades,
E só por isso brilharia mais;
Cercal-a-hiam, como a ti, saudades.
Quando do ramo desprendida caes.

Porque tu guardas no teu seio o pranto,
Da roxa aurora que por ti chorou,
Porque tu amas, carinhosa, o canto,
Que em suas aves para ti cantou;

Porque tu d'outros, não de ti cuidaste,
No odor, no fructo, e sem uma alma ter,
De quem tu vinhas, debruçada n'haste,
Soubeste sempre, sem fallar, dizer;

Porque contente borbulhaste um dia,
E recendeste para a terra e céus;
Porque dos bens que de ti dentro havia,
Dás todos cá, e tu vais dar-te a Deus!

Por isso á tarde sobre as folhas soltas
Andam saudades, adejando a mil,
E nos suspiros, que t'as põem revoltas,
Suspira tudo que te torne abril.

Mas foi só essa a victima c'roada
Por ti para o sepulchro? Não!... tu deves
Ter extenso registro das que viras,
Como na rez do sacrificio antigo,
Ser-lhe na fronte a flor signal de morte!
No caminho do altar vai esta agora...
E que tristeza lhe contrasta, languida,
A risonha grinalda e as brancas vestes!
Pallido o rosto; os labios desbotados;
Quasi em desleixo nos eburneos hombros
Louros anneis que os beijam; sobre o peito,
Comprimindo o arquejar a mão convulsa;
A figura gentil curvada ao peso
Do destino que leva, como ramo
Que um lençol debruçou á beira d'agua;
E os olhos, côr do céu, ao céu erguidos
De quando em quando, e abaixados logo!...
Quem na dissera a noiva no seu dia?
Quem não crera antes ver n'aquella triste
Viuva ou orfã, que saudosa leva
Suas magoas á Cruz do cemiterio?!

Noiva! Noiva! E tem paes!... Alli, ao lado,
Vão com ella, e sem ver que a matam!... Cegos!
Matal-a assim, tão moça!... Nem esp'rarem
Que o tempo, co'a razão mais fria e grave,

Désse força á virtude!... E a boa filha
Lá vai, lá vai submissa.—Os paes um dia
Responderão a Deus.—Rica nascera;
Esse foi o seu mal, que, procurada
Por quem honras trazia e grandes rôlos,
De velho pergaminho, que narrava
Acções illustres sim, mas todas d'outros,
Todas de mortos já, calou-se o affecto,
O dever paternal, no enthusiasmo
Dos fumos d'ambição, e nem pergunta,
Se hoje o neto aos avós honrava as cinzas!

Descuidosa a donzella, andava alegre,
Sem saber do noivado, doudejando
Por sombras do jardim. Agora corre
Atrás das borboletas; corre logo
Por apanhar a amiga na carreira;
Junta aqui ramalhetes, com que enfeite
Sancta imagem da Virgem; tece c'roas
Ás estatuas do tanque; além, na horta,
Colhendo a flor da laranjeira, fica
A scismar nas esp'ranças com que á noite
Adormece feliz!... Já dentro d'alma
Tinha gravado um nome!... E quantos sonhos
Que encantados castellos! mas... desfeitos
C'uma palavra só!... Vem cá, és noiva!

Trazes a flor na mão, adivinhaste;
Noiva, noiva!—E de quem?... Sentiu lá dentro
O pobre coração que rebentava,
Porque o nome era outro... e Deus bem sabe,
Se este era digno d'ella!—Mais estatua,
Que as que ha pouco adornou, viu-se adornada,
E lá vai ao altar a triste noiva!

Que de invejas a acompanham!
Quantas lhe gabam a flor!
Quantos desejos, que estranham
Que leve perdida a côr!
Á festa, á festa, donzellas,
Vêde a bella entre as mais bellas,
Como é ditosa! Pois não?
Vêde-lhe as joias e rendas,
Que leva as mais ricas prendas;
Só não leva o coração.

Leva um véu sobre as espaldas,
Que melhor não se bordou,
Leva um collar de esmeraldas,
Que melhor ninguem levou;
Leva-as nas mãos e nos braços;
Leva diamantes em laços;
Como é ditosa! Pois não?

Vêde-lhe as joias e rendas,
Que leva as mais ricas prendas;
Só não leva o coração.

Á festa, á festa, invejai-a,
Ide egual sorte chamar,
C'um alfinete na saia,
Se lh'o podeis ir pregar;
Á festa, á festa, que ainda
Não se viu noiva mais linda,
Nem mais ditosa! Pois não?
Vêde-lhe as joias e rendas,
Que leva as mais ricas prendas;
Só não leva o coração.

«»

O coração! Coitada!...—Em poucos mezes,
Ide vós que a invejaveis, ide vêl-a!...
Conheceis-lhe as feições? É esta acaso?...
Se já na flor um dia reparastes,
Quando algum verme occulto a róe no seio,
Que desmaia, definha, perde o viço,
Poisa, abatida, a fronte na folhagem,
Vai enrolando as pétalas mimosas
Pouco a pouco, e por fim, já despegadas,
Caem todas no chão, e a flor é morta,
Vistes a imagem da infeliz donzella,

Quando tambem por dentro, occulto e fundo,
Desventurado amor lhe róe a vida!

Eil-a!... que o corpo soerguendo apenas,
Cruzando as mãos no descarnado peito,
Véla por noites, e sósinha, em vasto,
Frigido leito!

Sómente a febre lh'o aquecera, e ri-se,
Com esse riso que comprime os dentes;
Sómente, não; que lhe deslisam logo
Lagrimas quentes!

Por entre os véus do deslaçado pranto,
E á fina touca levantando os folhos,
Crava na luz, que já vacilla exhausta,
Avidos olhos!

Como que a segue no clarão incerto,
Como que a accusa, se mais luz derrama,
Como que apréssa o extinguir á debil,
Trémula chamma!

Se eram desejos evocando a hora,
Que tarda tanto ao que a dôr já cança,

Ahi vem... e agora com a Cruz te abraça,
Unica esp'rança!

Fechou-se emfim sobre ella aquella porta,
Que só no extremo dia, á voz tremenda
Do anjo do Senhor, ha-de arrombar-se!...
Ao pôr do sol os paes vão-lhe na campa
Chorar, chorar, debaixo do cypreste;
Regar as rôxas flores, que, espontaneas,
Lhe nasceram á volta; arrepender-se,
Tarde já, mas sinceros, e pedil-a
Debalde aos echos, que apiedados gemem,
Respondendo ao gemer dos desditosos!
Oh! por que n'essa flor que lhe lá vistes
Na mão, aquelle dia, estas tristezas
Não soubestes prever?!—De todo secca,
Ireis achal-a ainda, e talvez quente,
Ao pé do travesseiro!... Ressequiu-se
Longe do ar, da seiva, dos amores,
Que lhe vinham de Deus, e mais colheu-a
Bem carinhosa mão!—Adivinhava,
Como cuidastes, sim, mas era a morte,
Por que a flor diz—amor—não captiveiro!

Sempre pura e fiel, deu á virtude,
Ao céu, aos paes, a si, o que a si mesma
Deve toda a mulher;—ao sacrificio
Foi, mas soube morrer!—Outras... o mundo
Diz que sabem viver!... e vivem, vivem
Ahi nas boccas d'elle!... Mas que o diga
O mundo d'hoje, o mundo corrompido,
Vivirá a virtude mais do que elle!
A sua essencia não mortal, divina,
Perfuma, como a flor, a propria terra,
Mau grado a corrupção, e depois sobe
A recender eterna aos pés do Eterno!

Sempre!... Sempre!... E tu ri, ó mundo d'hoje,
Que inda um pranto de sangue ha-de escavar-te,
Com já tardias lagrimas, as faces!
Ri, ri, vaidoso seculo!... Que valem
Contos de dôr alheia, e dôr de dentro,
Dôr em que tu não crês? Que valem flores
De pobre laranjeira ao pé dos louros,
Que te enramam a fronte?... Mas, ó seculo,
Apregôas-te grande, o pregão deitas
Da terra aos quatro ventos, e és grande
No orgulho só da propria apotheose,
N'esse enlevo pueril com que te esqueces
A contemplar tuas obras!... Que tens feito?

Á materia prendeste as vistas do homem,
Á materia sómente!... A alma, que importa?
Viver, viver a vida grossa e bruta,
Vida só para o corpo; forçar tudo
A servir inda mesmo os vãos caprichos
Do physico existir, por mais audazes;
Fazer da creação submissa escrava
De sensual prazer; serras e bosques,
O metal, o carvão, a pedra, os fructos,
O fogo, a terra, o mar, o ambiente, os astros,
Producções naturaes, inventos, machinas,
Os animaes, os homens, as mulheres,
Aqui a intelligencia, alli a força;
E, n'um tráfego immenso, activo, rapido,
Contar tudo por cifras insensiveis,
Que se enfileiram doceis para a somma
Do goso mat'rial... eis a loucura,
Com que insultas o céu, e ris do espirito,
Engrinaldando de fingidas flores,
Sem o viço da esp'rança, e sem perfume,
A victima da morte ao pé da campa!

Mas nós os que a conta,
Contando melhor,
Tambem nos faz monta
A virtude e a dôr,

Finada tão bella
Rezemos por ella.

Mas nós os que ás flores,
Que o mundo fingiu,
Preferimos, co'as dores,
As que a alma floriu,
Finada tão bella
Rezemos por ella.

Mas nós os que crêmos
Na alma e em Deus,
Que os olhos erguemos
Da terra p'ra os céus,
Finada tão bella
Rezemos por ella.

Mas nós, que entre a gloria
Do mundo, entre a luz,
Ainda a memoria
Guardamos da Cruz,
Finada tão bella
Rezemos por ella.

E tu, mimosa flor da laranjeira,
Só musa me has-de ser d'estas tristezas?

Tu, a flor festival, has-de fallar-me
De sepulchros sómente? — Deixa, deixa
Isso aos pallidos goivos, ás perpetuas,
Mais ás ròxas saudades. — Pois na terra
C'rôas sempre desgraças? Não. Fadada
Foste antes a c'roar doce ventura.
Amor, o casto amor, o que não punge
C'os remorsos depois, o que procura
Socio d'alma na dôr e nos prazeres,
Socio fiel que fica, e que acompanha,
Em tranquillo suave sentimento,
Quando o tempo a fogueira abrasadora
Da vehemente paixão melhor transforma
Na branda luz duravel d'esse affecto,
Que, em vez de nos queimar, nos allumia;
Amor, aquelle amor, que os anjos podem
Ver do céu sem tapar co'as mãos o rosto,
Amor puro, sem ter de que se peje
Ante os homens e Deus, esse, comtigo
Vai sempre engrinaldar-se, és tu sua palma;
E contente e feliz, como no mundo
O homem póde ser, assim o viste!

Bem me lembra inda a festa d'essa aldêa,
Que além, ao pé do rio, entre salgueiros,
D'aqui vejo alvejar, como zagalla

Meio despida já, sentada á beira
Das aguas, onde vai banhar-se á tarde.
Bem me lembra inda a festa. A aldêa toda
Trajava as vivas chammejantes côres
De seus dias festivos. As cachopas,
Muitas vi, de sapatos coxeando,
Ou com elles na mão, cegarem tudo
Com grandes arrecadas, cordões d'ouro,
Cruzes e corações; os homens iam,
De véstia nova e cinta e carapuça,
Innocentes orelhas degolando
D'altivo colleirinho ao duro fio;
Até velhos e velhas não faltavam
No geral regosijo; inda estou vendo
Como boa velhinha, recordada
De seus passados tempos, mais gaiteira
Que as proprias moças, meneava o corpo
De cima dos tamancos, e c'os dedos
Alçados dava trincos, desejosa
Da dança que se armava no terreiro.
Os foguetes estridulos subiam
De quando em quando, por levar ás nuvens
A alegria da terra; nesta, as bombas
Estouravam rasteiras; os rapazes,
Com gritos jubilosos, atrás d'ellas
Corriam, empurravam-se, caíam
Apinhados no chão, a disputarem

A desejada guita; pelas ruas,
D'aqui d'alli saindo, iam passando
Para a festa as violas, encostadas
Ao peito de pimpões, trinando amores.
Era um domingo, e a aldêa festejava
Da sua melhor moça o casamento.

∞

Mais bonita não a havia
Nem mais bem quista tambem;
Uns olhos que ella volvia,
Palavras que ella dizia,
Não resistia ninguem.

Trigueirinha, mas formosa,
Como bem poucas o são,
Não tinha invejas á rosa,
Nem branca mais invejosa
Lhe podéra pôr senão.

Uns modos de tal carinho,
Que eram mesmo de encantar;
O corpo tão bem feitinho,
Que da fonte no caminho
Lh'o estavam sempre a gabar.

De tantos gabos ouvira
Uns que diziam melhor,

Sem saber o que sentira,
Nem já do sentido os tira,
Nem sente senão amor.

Tambem outro seareiro
Não ha por lá mais gentil;
Tal é trigueira, é trigueiro,
Mas tal primeira, primeiro
Na sua aldêa entre mil.

Iguaes em tudo; na edade,
No bom nome, nos bons paes,
No trabalho unica herdade,
Nos gostos da mocidade,
Em tudo ambos iguaes.

Ella, a melhor fiandeira
Nos serões ao pé do lar,
Tambem não tinha parceira
Como alegre cantadeira
N'uma escamiza ao luar.

Elle, que, por vida sua,
Era o melhor tocador,
Tambem c'uns bois á charrua,
Fosse por sol ou por lua,
Ninguem ao pé se ia pôr.

Era de vêl-os na fonte
Tão namorados então,
Ella, dizendo-lhe — conte,
Elle arredado, defronte,
Riscando c'o pau no chão.

E que contos, ou que contas
De tanto amor iam lá!
Ai! amor, no que tu contas,
Mal sabes que não descontas,
O que o tempo conta cá.

Mas aqui o amor não teve,
No amor que descontar;
Tal fado maus fados leve,
Que este amor, feliz, em breve,
Eil-o á Egreja a caminhar.

O dia, era de maio um lindo dia,
N'este tão puro céu, n'esta suave
Transparencia do ar, n'esta opulenta,
E cristalina luz da nossa terra;
Os outeiros, em torno, verdejavam;
Manso, no sinceiral e nas arêas,
Se espriguiçava o rio susurrando;
Traziam já nas azas doces brizas

O perfume das flores; e nas arvores,
De ramo em ramo, os passaros contentes
Fadavam-n'as d'esp'rança, e ninhos novos;
Tudo dizia amor, e festa, e vida!
Um momento houve só, que branca nuvem
Toldou de todo o sol... deixal-a, foi-se;
Se ninguem deu por isso, os noivos menos.

Cachopas, salta ao terreiro,
Salta, salta a bom saltar,
Quem vir os noivos primeiro,
Ha-de primeiro casar;
Cachopas, vamos, de roda,
Toca a dançar-lhes na voda,
Toca a cantar-lhes com fé;
Canta, canta, dança, dança,
Que a viola não descança
A fazer pular o pé.

Lá veem os noivos,—affasta;
Deixai-os bem ver, assim;
Esta festa é d'outra casta,
Estes noivos, isto sim;
Vamos; na cara, nos peitos,
Chovam-lhes já os confeitos,

Já que tão contentes vão;
Não levam joias, nem rendas,
Levam a melhor das prendas,
Levam o seu coarção.

Da terra senhora nobre,
Nobre d'avós e d'acções,
Da nobreza a quem o pobre
Põe á porta outros brazões,
Tinha a cachopa morena
Tomado desde pequena,
E viu-a em casa crescer;
Madrinha do baptizado,
Hoje, fazendo o noivado,
Madrinha tambem quiz ser.

Deu-lhe cordão e arrecadas,
Deu-lhe um cerrado no val,
Deu-lhe crescidas soldadas,
Deu-lhe todo o enxoval;
E se não quiz n'essa gala
Qual na cidade enfeital-a,
Pondo-lhe c'roa nem véu,
Poz-lhe da flor feiticeira
Um ramo de laranjeira
No desabado chapéu.

Assim vai linda, e vai rica;
Nem muita riqueza quer,
Quem com pouco alegre fica;
Quem no pouco a sabe ter;
Vai linda na singelleza,
Na mais natural belleza
Do seu trajar d'aldeã;
Sáia curta, debruada,
Roupinhas, meia bordada,
Capa azul, com fita irmã.

Nem fidalga, nem rainha
Podéra agora invejar;
Disse-lh'o a boa madrinha,
Foi-lh'o o noivo confirmar;
Dizem-lh'o, vendo-a de roda,
As cachopas, que na voda
Tem por si a mesma fé;
Vamos, pois; á dança, á dança,
Que a viola não descança
A fazer pular o pé.

Oh! ficou bem calcado em todo o dia
O terreiro da Egreja, mais o pateo
Da casa da madrinha, que, no largo
Tambem da aldêa, erguia a fronte alta

Entre todas as mais, como pinheiro
Entre moitas humildes; e o sobrado
Quasi que veiu abaixo sob o peso
Da enthusiasmada dança, que durara
Até por noite velha.—O guapo noivo
Nunca melhor tangeu n'uma viola,
Que detrás d'ella o coração captivo
Ás cordas lhe ensinava sons mais doces;
Da noiva o canto poz lá tudo a um canto,
Porque jámais cantou com tanto gosto:
Mas n'aquelle folgar folgavam todos;
Girava a roda, sapateando a espaços;
Retinia a cantiga, ardiam faces
Que eram mesmo papoulas; fuzilavam
Olhos d'elles e d'ellas, como chammas
De relampago á noite; os pobres peitos
Arfavam-lhe, apresssados; as mãos prezas
Esmagavam-se alli em rijo affecto;
Os remoques ferviam c'os risinhos;
E, por fim, já cançados, ás paredes
Da casa se encostavam, luzidios
De prazer e suor, deixando muitos
A voda apalavrada, á sombra d'esta!

Tempo, que tanto corres, porque corres
Mais veloz aos felizes? Porque levas

Nas azas tão ligeiro as poucas horas
De terrena ventura? Porque sempre
Os momentos d'amor tão breves fazes,
Que, mal do homem a mão se estende, e roça
Despontados botões com que lhe acena
Ridente murta além, não colhe logo,
Ao pé, se não saudades, orvalhadas
Das lagrimas da dôr? Porque, tão velho,
Não canças de fugir? Nem te demoras
Se quer a ouvir segredos, que não sabes
De namoradas almas, se as deixasses
Demorar-se tambem? Porque sómente
Tens vagarosos pés com que te arrastas
Na vida aos desgraçados, aos que pedem
Que lhes ceifes co'a foice, emfim, as magoas?!

Dia, dia de maio! Inda co'a noite
Que pequeno que foste!... Toda a aldêa
Depois te suspirava. Este, no campo,
Cabisbaixo lavrando; esta no monte,
Sachando o milho nado; aquelle, ao cimo
Da encosta, no pinhal, fazendo lenha;
Aquella no tear, urdindo agora,
Já tramando depois, depois tecendo,
Com monotono som, a branca têa;
E todos a scismar como correram

Fugitivas as horas, quantas cousas
Ficaram por dizer; e... Deus o sabe,
Quantas penas tambem que já penavam!

Os noivos não; pois que penas
Tinham elles que penar?
Felizes horas serenas,
Nem viam se eram pequenas
Para amar.

Que vida, que vida aquella!
Quem na podéra gosar!
Se a viverem sempre bella,
Ella d'elle e elle d'ella
Sem pezar!

Por que não? Ao anno findo,
Como a fortuna sem par
Lhes fosse sempre sorrindo,
Deu-lhes Deus um filho lindo:
Que mais dar?

Amor, saude, alegria,
E no honrado trabalhar
Farta mesa cada dia,
Mais que o filho poderia
La faltar?

Tendo alli perto a casinha,
Em que viviam os paes,
Vêl-os sempre; è a madrinha
Tendo tambem por vizinha,
Falta mais?

Não falta mais, não tem penas
Ambos elles que penar,
Felizes horas serenas,
Nem viam se eram pequenas
Para amar.

Póde então n'este mundo, póde o homem
Ser contente e feliz?... Como no mundo
O homem póde ser.—Dois breves annos
Tinham passado apenas, e com elles
A ventura tambem! Na pobre aldêa
Entrou assoladora a fatal cholera,
A cholera tremenda, a que transforma
Em desertos cidades populosas;
Que varre para a tumba a eito, a eito
Casas, ruas inteiras; que derriba
Aqui o pae, o irmão; alli amigos;
Este junto do altar, aquelle á meza;
O que vem, o que vae; adultos, velhos;
A criança, a mulher; ao pé do leito

Do moribundo o padre que o conforta;
O medico ao sahir: os que já levam
Ao cemiterio os mortos; tudo, tudo;
Caminhando inflexivel, implacavel,
Entre prantos e lucto, e fundas vallas
De cadaveres mil, a cada hora.
Como um anjo terrivel de exterminio,
Que na espada de fogo, em letras negras,
Trouxesse escripto—*maldicção aos homens!*
Entrou n'aldêa a cholera, e n'um dia,
N'um só, essa aldeã, antes ditosa,
Filha, perdeu os paes; esposa, o esposo;
E, carinhosa mãe, o tenro filho!

Ai! nuvem, branca nuvem, que nas vôdas
Tão vivo sol toldaste, annunciavas
O funebre sudario! Tu dizias
Ás venturas da terra, que não faltam
Nuvens ao melhor sol, como tristezas,
Ou tarde ou cedo—quasi sempre cedo!—
Ás alegrias d'alma!... As alegrias!
Um vento sepulchral espedaçou-as,
Não deixou senão pó!... E geme agora
A desgraçada mãe; a filha orphan,
A viuva sósinha!... Se lhe resta
Protectora inda a mão, tão boa e nobre,

Que a tomou criancinha, mão nenhuma,
Nem essa, póde balsamo levar-lhe
Ao lacerado peito!... Geme, geme,
No ramo do cypreste, triste rôla,
Que das dôres a dôr é essa tua,
Essa saudade dos que mais não volvem,
Dos que com tanto amor na vida amámos,
E nos deixam depois vida sem vida,
Em que o goso são lagrimas, e a esp'rança
De os vêr só nos vem tambem da morte!

E, por fim, cá trouxeste mais tristezas,
Bella, candida flor da laranjeira!
Oh! mas não vem de ti, vem só do mundo,
Vem d'este barro quebradiço ao sôpro,
Que lhe desce de cima; vem dos homens,
Que, até os mais felizes, se lhes vissem
Os corações bem nús... se lhes sondassem
Os desejos bem fundo... lá se achara
Constante aspiração, que nunca deixa
Na terra contentar; vem d'essa sempre
Ephemera ventura; e de não vermos,
De não vermos que a dôr é só caminho,
Por onde, aos céus subindo, vai c'roar-se
De flores a virtude, e d'essas flores
Immarcessiveis, fúlgidas, eternas,

Como não és, não podes ser tu nunca,
Porque és da terra, por melhor que sejas,
Bella, candida flor da laranjeira!

Não pódes; mas pódes, c'roando singella
A fronte da noiva, levada ao altar,
Não ser-lhe remorso, fazel-a mais bella,
E sempre lembrar-lhe depois sem corar.

Não pódes; mas póde, por mais que se mude
A sorte mudavel que os homens cá teem,
Nas proprias dôres, saber a virtude
Deixar-nos, qual deixas, perfumes tambem.

Não pódes; mas podem, aquellas na terra,
Que tu já c'roaste, mas Deus inda não,
Saber que te curvas aos ventos em guerra,
E doceis curvar-se de Deus sob a mão.

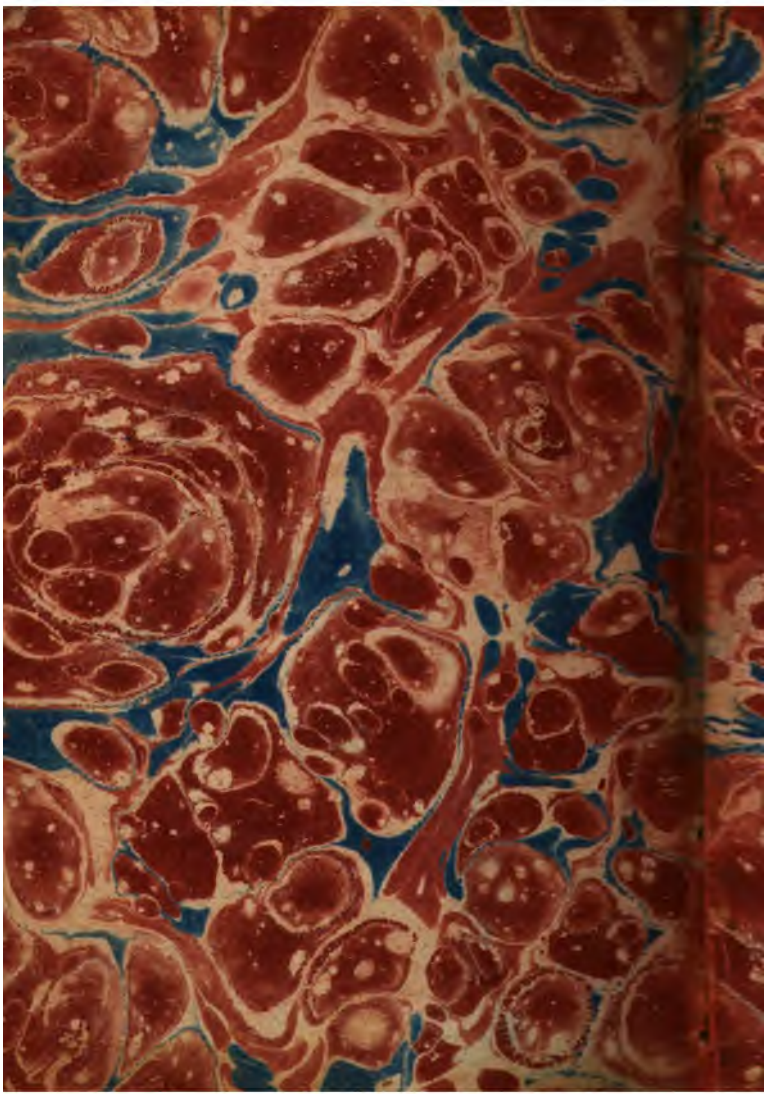
Não pódes; mas podem, de ti aprendendo,
Sorrir entre espinhos, louvar quem lh'os deu,
Que assim, desditosas, já menos o sendo,
São anjos na terra, são anjos no céu!

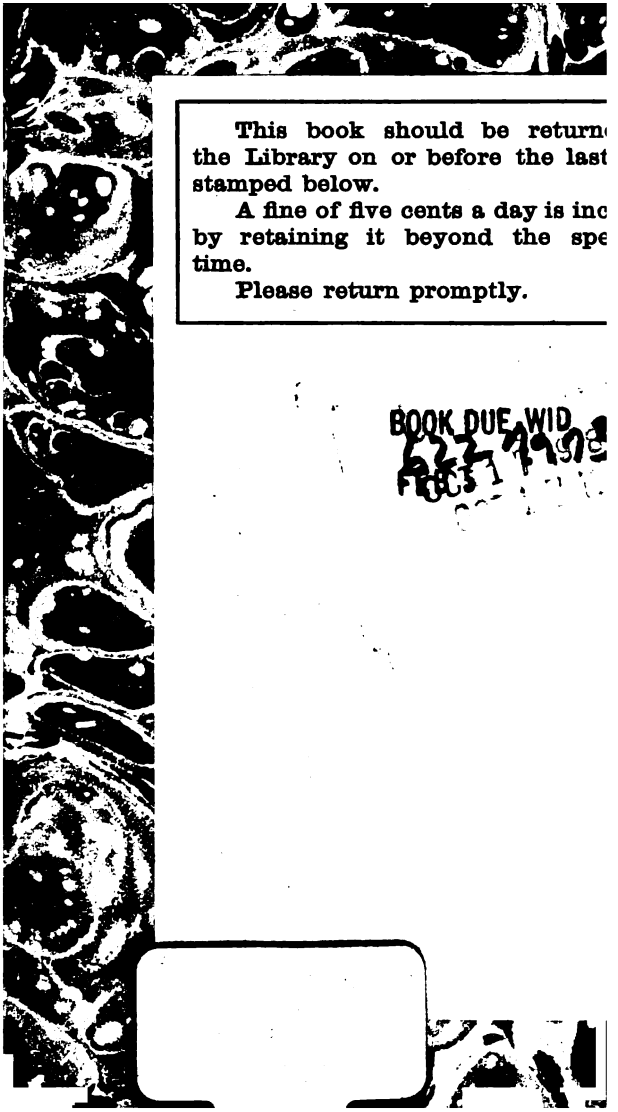
FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

INDICE

		Pag
Introducção		v
I	Invocação	1
II	A jarra de flores	3
III	O meu thesouro	6
IV	A festa da natureza	8
V	Innocencia	12
VI	A violeta	15
VII	Á beira do Mondego	19
VIII	A madrugada	25
IX	Um brinco	28
X	A estrella	29
XI	Melancolia	33
XII	As quatro edades da mulher	37
XIII	O meu S. João	39
XIV	N'um album	45
XV	O crespusculo	47
XVI	Elysa	49
XVII	O ramo da despedida	51
XVIII	Harmonias da noite	53
XIX	Ella	62
XX	A saudade perdida	64
XXI	Visão	68
XXII	No album d'uma rosa	73
XXIII	Um anjo na terra	75
XXIV	As quatro cordas da lyra	78
XXV	No desalento um desejo	81

XXVI Donzella, olha a rosa..... 84
XXVII Que dizem?..... 87
XXVIII Não vale a pena, vale a pena..... 91
XXIX A sáia nova..... 94
XXX A capella do Ermo..... 98
XXXI Emfim..... 102
XXXII Flor que não morre..... 105
XXXIII Não chores..... 109
XXXIV Juramento..... 113
XXXV A pastorinha..... 115
XXXVI Os sonhos..... 118
XXXVII Amor e morte..... 120
XXXVIII Flor d'amizade..... 146
XXXIX O promettido é devido..... 148
XL As alcachofras..... 153
XLI Uma illusão..... 158
XLII A boa porta!..... 164
XLIII A camelia..... 166
XLIV Bem hajas!..... 168
XLV Entre ferro nasce ouro..... 180
XLVI Os cravos..... 186
XLVII Não é singular..... 188
XLVIII Anjo, vi-te!..... 191
XLIX Elha por elha..... 194
L Flor por fructo..... 196
LI O travesseiro..... 198
LII Sitit et unda!..... 201
LIII O retrato..... 206
LIV Flores de luz..... 209
LV O espelho..... 216
LVI O adeus do recruta..... 218
LVII O bastidor..... 224
LVIII A flor da larangeira..... 226





This book should be return
the Library on or before the last
stamped below.

A fine of five cents a day is inc
by retaining it beyond the spe
time.

Please return promptly.

BOOK DUE WID
DEC 5 19

Cancioneiro de
Widener Library
0003
3 2044 080 823 5